

Maria de Fátima Vieira Varela Tavares de Oliveira

***A indisciplina na Escola Secundária Cónego
Jacinto Peregrino da Costa
(ESCJPC)***



Licenciatura em Geografia
ISE
Praia, Setembro de 2005

Maria de Fátima Vieira Varela Tavares de Oliveira

A Indisciplina na Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa (ESCJPC)

Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciada em Geografia –
área do ensino, sob orientação da **Mestre Ana Maria de Almeida Domingos.**

ISE – 2005

Maria de Fátima Vieira Varela Tavares de Oliveira

A Indisciplina na Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa (ESCJPC)

Trabalho Científico apresentado ao Instituto Superior de Educação, aprovado pelos membros do júri e homologado pelo Conselho Científico, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Geografia – área de ensino.

O júri

Praia, aos _____ de _____ 2005

Aos meus familiares

Agradecimentos

À minha professora de Psicologia, Mestre Ana Maria de Almeida Domingos que tempestivamente se prontificou a orientar o trabalho, facultando as bibliografias utilizadas e pelo apoio moral prestado.

À minha filha, Cândida Maria a quem roubei muito tempo e ao seu pai, Cândido pelos apoios prestados, principalmente, pela paciência que teve em digitalizar o trabalho.

Ao meu pai, a quem devo toda a minha gratidão.

Aos meus irmãos, irmãs e todos aqueles que incondicionalmente me apoiaram durante os meus estudos.

À direcção e aos professores da ESCJPC -na Várzea o meu profundo agradecimento pelo apoio prestado no fornecimento dos dados e no preenchimento dos questionários.

“ (...) Uma tendência mundial da actual geração de crianças é para serem mais emocionalmente perturbadas que as da anterior: mais solitárias e deprimidas, mais violentas e indisciplinadas, mais nervosas e preocupadas, mais impulsivas e agressivas.”

Daniel Goleman

INTRODUÇÃO	ÍNDICE	
		8

1ª PARTE – HISTORIAL DA ESCOLA SECUNDÁRIA CÓNEGO JACINTO PEREGRINO DA COSTA (ESCJPC)

I CAPÍTULO – HISTORIAL DA ESCOLA SECUNDÁRIA CÓNEGO JACINTO PEREGRINO DACOSTA.....12

- 1 – História e evolução da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa.....12
- 2 – Caracterização e funcionamento da escola.....13
- 3 – Localização geográfica da escola.....15

II CAPÍTULO – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....17

2ª PARTE – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

III CAPÍTULO – CONCEITOS E PERSPECTIVAS DA INDISCIPLINA.....20

- 1 – Conceitos de indisciplina.....20
- 2 – As diferentes perspectivas de indisciplina.....23
 - 2.1 – Perspectivas Sociológicas.....23
 - 2.1.1 - Indisciplina como desvio à moral social.....23
 - 2.1.2 - Indisciplina como resistência à ordem estabelecida.....23
 - 2.2 – Perspectiva Defectológica da indisciplina.....24
 - 2.2.1 - A patologia individual.....24
 - 2.2.2 - A patologia familiar.....24
 - 2.2.3 - A patologia social.....25
 - 2.3 – Perspectiva organizacional.....25
- 3 – Indisciplina e interação na aula.....27
 - 3.1 - Indisciplina e gestão da aula.....27
 - 3.2 - A escola e a negociação no interior da sala de aula.....27
 - 3.3 - Indisciplina e expectativas do professor.....28
 - 3.4 - Indisciplina, curriculum e métodos de ensino.....29

IV CAPÍTULO – CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NA ESCOLA.....31

- 1 – Causas da Indisciplina.....31
 - 1.1 – A família.....31
 - 1.2 – A sociedade.....34
 - 1.3 – A comunicação social.....35
 - 1.4 – O aluno.....35
 - 1.5 – O professor.....36
 - 1.5.1- Líder (professor) autoritário.....38
 - 1.5.2 – Líder democrático.....38
 - 1.5.3 – Líder “deixa-correr”.....38
 - 1.6 – A escola.....39
- 2 – Consequências da indisciplina.....41

V CAPÍTULO – PROPOSTAS DE ACTUAÇÃO.....	44
1 – Medidas preventivas.....	44
2 – Medidas de apoio e ajuda.....	44
3 – Medidas correctivas.....	45
4 – A repreensão eficaz.....	45
5 – A punição.....	46
 3ª PARTE – CONTRIBUIÇÃO PESSOAL	
 VI CAPÍTULO – FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	49
1 - Objectivos.....	49
2 – Hipóteses.....	49
3 – Metodologia.....	49
3.1 – Caracterização da amostra.....	49
3.2 – Instrumento.....	51
3.3 – Procedimento.....	51
 VII CAPÍTULO – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
1 – As opiniões dos professores e das professoras sobre a indisciplina na ESCJPC.....	53
2 – A percepção dos professores sobre a indisciplina na escola em função do tempo de serviço.....	56
3 – As opiniões dos professores da ESCJPC sobre as medidas adoptadas na resolução dos problemas da indisciplina	59
CONCLUSÃO.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	67
ANEXOS.....	69

Quadros
Esquemas
Questionários aplicados

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro I – População total residente, por idade, segundo o nível de instrução.....	16
Quadro II – Distribuição dos professores por habilitações académicas.....	50
Quadro III – Distribuição dos professores consoante a formação psico-pedagógica.....	50
Quadro IV – Distribuição dos professores mediante o tempo de serviço na docência.....	51
Quadro V – Casos de indisciplina mais frequentes na escola.....	53
Quadro VI – Casos de indisciplina mais graves na escola.....	54
Quadro VII – Origem da indisciplina na escola.....	55
Quadro VIII – Casos de indisciplina em função do tempo de serviço.....	56
Quadro IX – Casos mais graves em função do tempo de serviço.....	57
Quadro X – Origem da indisciplina em função do tempo de serviço.....	58
Quadro XI – Medidas adoptadas pela escola na resolução de indisciplina	59
Quadro XII – Medidas adoptadas pelos professores na resolução da indisciplina na sua sala de aula.....	59
Quadro XIII – Grau de eficácia na tomada de medidas.....	60
Quadro XIV – Casos de indisciplina em função dos ciclos.....	70
Quadro XV – Opinião dos professores acerca da indisciplina em função dos ciclos.....	70

Quadro XVI – Dias de maior ocorrência de indisciplina.....	70
Quadro XVII – Momentos de maior ocorrência de indisciplina.....	70

INTRODUÇÃO

Uma educação de qualidade é imprescindível a todos e ao desenvolvimento do país. Todavia, o comportamento desajustado ou a indisciplina por parte dos alunos é um problema real com que nos confrontamos hoje nas escolas e nas salas de aulas. A indisciplina é um conceito polissémico, complexo, e, como tal, tem constituído motivo de estudo em vários países e também em Cabo Verde, devido aos impactos que está a provocar nas sociedades actuais. É um conceito polissémico uma vez que um mesmo comportamento patenteado pelos alunos pode ser considerado como indisciplina por determinados professores e comportamento normal por outros. É complexa pela forma diferenciada como se manifesta, mas também e essencialmente pela forma diferenciada e subjectiva como é encarada e avaliada pelos indivíduos, personalidades e culturas diferentes. Assim sendo, uma vez identificado o problema, requer um tratamento sério e atempado, mas requer igualmente um querer fazer, um envolvimento conjunto de todos os intervenientes no processo educativo, a saber: os especialistas na área educativa, os professores, os alunos, os pais e encarregados de educação, as entidades responsáveis da educação no país, as organizações afins e toda a sociedade civil em geral. Por conseguinte, o problema da indisciplina nas escolas, pela sua dimensão e impacto social, preocupa a todos e é sentido e encarado de igual modo pelos professores na sua prática quotidiana, pelas escolas, pelos pais e encarregados de educação e pela própria sociedade. Esta ideia é também partilhada por Ana Benavente, quando afirma: “Estamos (...) face a um problema e não uma ficção. Há de facto um sentimento generalizado de desconforto e de preocupação perante uma situação que se identifica como de indisciplina e até de violência na escola. O problema realmente existe e tem-se agravado...” (Ana Benavente, citada por Stoer, S: 1994)

Referindo-se às razões que motivaram a escolha do tema em questão, devo realçar o facto de ter sido uma observadora atenta do comportamento dos alunos enquanto professora há mais de uma década e o facto de ter estado a acompanhar tanto quanto possível a evolução e as mudanças comportamentais dos alunos, o que naturalmente terá permitido reunir subsídios

consideráveis para partir para este empreendimento com alguma segurança. Queremos, por isso, com este trabalho, dar a nossa modesta contribuição para uma melhor compreensão do fenómeno indisciplina, e, para tal elegemos como objecto de estudo os alunos da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa.

Actualmente, pela sua relevância, a problemática da indisciplina é motivo de vários estudos tanto empíricos como científicos, com recurso a várias metodologias.

Com este trabalho pretendemos ainda:

1. Conhecer os comportamentos de indisciplina mais frequentes na Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa,
2. Conhecer as opiniões dos professores da escola sobre as causas e as consequências da indisciplina,
3. Conhecer as principais estratégias de actuação da escola no combate à indisciplina.

Daremos entretanto um especial enfoque às abordagens científicas apresentadas por vários investigadores em várias perspectivas, teorias e algumas medidas adoptadas para fazer face a situação de indisciplina e suas respectivas conclusões.

Para tal teremos em consideração as opiniões dos professores da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa e dos vários intervenientes no processo educativo, nomeadamente: Inspectores do M.E.V.R.H, Directores das escolas Secundárias e professores do Instituto Superior da Educação da Praia, e absorveremos algumas sugestões para a mudança de actuação nas escolas, visando o combate à indisciplina nas escolas mas também privilegiaremos a recolha e tratamento de dados estatísticos e finalmente a discussão e análise dos resultados acerca do problema de indisciplina nas escolas através de pesquisas bibliográficas, de realização de entrevistas e inquéritos aos professores.

Num primeiro momento realizamos entrevistas a professores, a Directores de escolas secundárias e outros técnicos da educação, consultámos a legislação cabo-verdiana sobre o funcionamento do sistema educativo e a bibliografia sobre esta temática a fim de recolher subsídios para a elaboração do questionário. Num segundo momento elaborámos a versão zero do questionário que foi aplicado a professores e outros técnicos da educação a fim de se seleccionar os itens a inserir no questionário definitivo. Finalmente elaborámos o questionário definitivo constituído por catorze questões abertas e fechadas que foi aplicado a quarenta professores da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa durante os meses de Novembro e Dezembro de 2004

De realçar que o trabalho se encontra estruturado em três partes, que por sua vez se subdividem em vários capítulos. A primeira parte constitui uma abordagem histórica geral da

ESCJPC, desde o início do seu funcionamento até hoje, sua caracterização, sua localização geográfica e a fundamentação teórica do trabalho. Na segunda parte abordamos a questão de indisciplina na escola a partir de várias teorias e perspectivas explicativas baseadas nas consultas bibliográficas dos diversos autores e especialistas ligadas à educação, o conceito de indisciplina, as causas, as consequências e as propostas de actuação no sentido de minimizar o problema. A terceira parte se consubstancia numa reflexão baseada na nossa experiência pessoal e nas opiniões dos intervenientes ligados à educação em Cabo Verde e principalmente nos resultados dos questionários aplicados aos professores da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa.

1ª PARTE

HISTORIAL DA ESCOLA SECUNDÁRIA
CÓNEGO JACINTO PEREGRINO DA COSTA

I CAPÍTULO – ESCOLA SECUNDÁRIA CÓNEGO JACINTO PEREGRINO DA COSTA

1-História e evolução da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa

A Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa (ESCJPC) foi construída no ano 1993. Seis meses depois entrou em funcionamento como filial da Escola Secundária Pedro Gomes, actualmente conhecida por “Asa Branca”, situada em Achada de Santo António. Devido ao aumento da população estudantil que se verificou na altura, e da consequente necessidade de resposta que tal aumento se impunha, a escola começou a funcionar no mesmo ano da sua conclusão.

Inicialmente era conhecido como Liceu da Várzea por se encontrar localizado nesse bairro. Através de um processo electivo da Assembleia-Geral dos professores, da Direcção da Escola e dos alunos, passou a ser designada de Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa. Aquando da votação os efectivos da escola foram unânimes na escolha do nome, entre várias outras propostas, pois, o objectivo era homenagear o Professor Cónego Jacinto.

O professor Cónego Jacinto foi sacerdote, filho de pais cabo-verdianos, e nasceu na cidade de Goa na Índia, em 1916. Exerceu o sacerdócio na Paróquia da Cidade da Praia durante vários anos. Devido ao seu trabalho abnegado atingiu o título de Cónego ainda jovem. Veio para Cabo Verde muito jovem onde exerceu a docência leccionando gratuitamente no Seminário de São José e no Liceu “Domingos Ramos”. Revelou-se um professor de uma competência profissional invulgar em várias áreas, com destaque para a de Físico-Química e Matemática. É ainda reconhecido como um professor exemplar, dialogante e respeitador dos seus alunos. O Senhor Cónego Jacinto foi um dos primeiros estrangeiros a pedir a nacionalidade cabo-verdiana após a independência. Faleceu no dia 28 de Janeiro de 1999, aos 83 anos de idade, na Índia sua terra natal, data essa que foi escolhida para a festa do aniversário do Liceu.

A escola foi inaugurada a 10 de Outubro de 1994, pelo então Ministro da Educação Juventude e Desporto, o engenheiro José Luís Livramento, em representação do então Primeiro-Ministro Dr. Carlos Veiga. A 28 de Janeiro do presente ano comemorou-se o 12º aniversário da escola

2- Caracterização e funcionamento da escola

A Escola Secundária Cónego Jacinto estrutura-se da seguinte forma:

- A Directoria: funciona numa sala equipada com equipamentos informáticos actualizados onde o Director da escola e seu adjunto trabalham em colaboração.
- A Sala dos professores: é espaçosa, arejada, bem iluminada e está equipada com sofás, aquários, plantas e objectos decorativos. Ainda para os professores existem mais duas salas onde podem fazer leituras, pesquisas planificações, reuniões, etc.
- A Biblioteca: está equipada com livros para todas as áreas. Esses foram obtidos graças a vários protocolos assinados pela Direcção da escola junto de algumas associações da comunidade da Várzea, nomeadamente, a associação juvenil “Black Panthers.
- O Anfiteatro: encontra-se em bom estado de conservação.
- A escola tem três blocos de salas de aulas. Há 9 salas por cada bloco, estas são bem iluminadas e estão em bom estado de conservação.
- Existem laboratórios para as aulas práticas de Biologia, Matemática, Estudos Científicos, Física e Química, e estão equipados de forma a satisfazer minimamente as necessidades de consolidação dos conhecimentos teóricos.
- Uma oficina/sala de desenho, de Educação Visual e Tecnológica
- Uma sala de informática;
- Um Clube Ecológico;
- Um Clube de Francês frequentado maioritariamente pelos alunos e professores da disciplina de Francês e por alguns alunos francófonos da escola.
- Um espaço para a informação e orientação dos jovens, resultante da parceria entre o projecto alemão GTZ, o Ministério da Saúde da Praia e a escola.
- Duas placas desportivas que são utilizadas para a prática de educação física com vários materiais desportivos como: bolas de basquetebol, andebol, voleibol, de ténis de mesa, e de

futebol de onze. De salientar que tanto o espaço como os materiais encontram-se em bom estado de conservação;

-Salas alternativas para a ocupação de tempos livres dos alunos. As salas estão equipadas com jogos diversos (xadrez, oril e materiais de ténis)

-A Cantina é espaçosa. É frequentada tanto pelos professores como pelos alunos, mas com maior destaque para os professores trabalhadores que aí almoçam.

- Existem 13 casas de banho, sendo 6 distribuídas pelos blocos onde funcionam as salas de aulas, 4 pela parte administrativa, directoria e salas dos professores, 1 no espaço onde funciona a cantina, 1 para o uso dos guardas e 1 para as encarregadas de limpeza.

Portanto a ESCJPC está equipada com materiais que associados a uma correcta gestão dos recursos humanos e financeiros oferecem as mínimas condições necessárias para uma boa prática pedagógica.

«Ao longo do percurso feito, a escola teve 4 Directores, deixando cada um, de forma indelével, a marca da sua presença e da sua gestão».¹

O corpo docente é estável, constituído por 98 professores. A maioria dos professores é formada, 41 são licenciados, 40 são bacharéis e destes 16 não possuem formação pedagógica. Estão distribuídos por várias áreas disciplinares.

A população estudantil estima-se em 2000 alunos, oriundos de diferentes bairros da Praia, do interior de Santiago e das outras ilhas nomeadamente Boa Vista e Maio. A maioria dos alunos é oriunda dos bairros da cidade, com destaque para os bairros da Várzea, Eugénio Lima, Achadinha e Terra Branca.

Os alunos estão distribuídos por 51 turmas. As turmas do primeiro e do segundo ciclo estão superlotadas, comportando aproximadamente 40 alunos por turma, as turmas do terceiro ciclo têm uma média de 32 alunos, com excepção das turmas pertencentes à área Económico e Social, as menos superlotadas são as turmas da área de Ciência e Tecnologia.

A Direcção da escola tem estado a funcionar conforme o estipulado na legislação que regula o funcionamento e gestão dos estabelecimentos do ensino secundário (B.O.- nº 25, 1ª Série de 19 de Agosto de 2002). É composta por um Director, um Sub-Director Administrativo e Financeiro, um Sub-Director pedagógico, um Sub-Director responsável pelos assuntos sociais e comunitários e pela Secretária da Direcção. Além do Conselho Directivo também funcionam o Conselho de Disciplina, o Conselho Pedagógico e a Assembleia da Escola.

¹ Voz ESCJPC – Série II. Nº 2 Novembro de 2004

O Conselho de Disciplina é o órgão encarregado de prevenir e resolver os problemas disciplinares no estabelecimento de ensino reúne mensalmente e extraordinariamente, caso necessário.

A par das exigências legais que regulam o funcionamento dos estabelecimentos de ensino secundário a escola tem tido outras iniciativas que se têm revelado benéficas para um bom desempenho das funções, a saber:

- Tem conseguido em parceria com a Delegacia de Saúde da Praia promover vários debates, palestras com vista a melhorar a formação moral e cívica dos alunos.
- Tem conseguido alternativas de ocupação dos tempos livres dos alunos. Neste âmbito conseguiram salas com equipamentos para jogos diversos, instrumentos musicais (violões, tambores), biblioteca, ginásio, placas desportivas, entre outros.

Segundo os dados estatísticos fornecidos pela VOZ ESCJPC, Série II Nº 2 de Novembro de 2004, a taxa de aproveitamento dos alunos é na ordem dos 90 por cento, não obstante algumas dificuldades no 1º ciclo. Aparentemente a escola tem boa segurança, é cercada e os alunos, professores e todos os seus funcionários possuem crachás de identificação. Os visitantes só têm acesso ao espaço escolar se estiverem devidamente identificados

Para além das actividades lectivas a escola desenvolve actividades extra-curriculares, muito importantes para a socialização e desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos.

De realçar o envolvimento da comunidade e a sua indispensável colaboração nas actividades escolares, nomeadamente em campanhas de limpeza e na protecção do aspecto físico e paisagístico da escola

3 – Localização geográfica

A escola situa-se no bairro da Várzea da Companhia, por sua vez situado numa depressão entre Plateau, Terra Branca, Achada de Santo António, Eugénio Lima e a confluência de duas ribeiras. Antes o bairro era um pântano e agora é uma várzea devido à corrente de areia proveniente da Praia Negra.

A população era de 3236 habitantes no ano 2000. É um bairro pobre devido às fracas condições económicas e financeiras da população, aliado ao baixo nível de escolaridade.

O povoamento é concentrado e homogéneo. O nível de vida é baixo, com fracas condições higiénicas e de saneamento (INE; senso 2000), apesar de albergar instituições importantes como a TELECOM, o Palácio do Governo, a Electra, o Banco Inter-Atlântico, o Centro de Saúde, a VERDFAM, o Arquivo Histórico Nacional e a Biblioteca Nacional. A estrutura urbana é pouco adequada, com estradas pouco alinhadas, ruas estreitas, construções desordenadas e muitos espaços vazios.

A população do bairro é maioritariamente jovem. Do total da população residente 119 pessoas possuem o nível pré-escolar, 49 sabem ler e escrever, 1595 possuem o ensino básico, 755 o nível secundário, 23 possuem o curso médio e 60 pessoas possuem o curso superior. Há 635 analfabetos sendo na sua maioria em idade escolar. Existem 409 crianças com idade compreendida entre 0 e 9 anos, 1 entre 10 e 14 anos e 222 com idade a partir dos 15 anos como se pode verificar no quadro que se segue.

Quadro I

População Total residente por idade segundo o nível de instrução

Idade	Total	Pré-escolar	Alfabeti zação.	EBI	Secundário	Curso Médio	Curso Superior	NA
Total	3236	119	49	1595	755	23	60	635
0 a 9 anos	826	116	1	300	0	0	0	409
10 a 14 anos	450	1	1	328	119	0	0	1
15 e mais	1955	2	46	967	635	23	60	222
NA	5	0	1	0	1	0	0	3

FONTE: INE SENSO 2000

Uma observação atenta do quadro mostra que:

- Poucos adolescentes possuem o ensino secundário (119) e nenhum possui o curso médio ou superior;
- Um número reduzido de jovens e adultos possuem o curso médio e superior, apesar de um número razoável de pessoas se encontrarem na faixa etária dos 15 anos.
- Na faixa etária de mais de 15 anos, inclusive, muitos possuem o ensino básico integrado e ensino secundário. De salientar que os jovens constituem a maioria da população do bairro.

II CAPÍTULO – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

«A escola e o professor vêm tendo cada dia que passa um papel mais importante na vida das crianças, jovens, portanto dos alunos. Esse papel é tanto maior quando sabemos que a par da complexidade do fenómeno educativo, as nossas sociedades também vão complexificando impondo novas exigências e desafios aos profissionais da educação. Sendo o ser humano bastante complexo na sua estrutura, acção, comportamento, atitude e relacionamento, portanto, na sua existência, realização e projecção, é suposto que os profissionais que orientem/apoiem a educação e formação (em sua integração/socialização) das crianças, jovens, etc., o façam a partir de fundamentos que dêem uma sustentação mais sólida às suas acções instrucionais, formativas e educativas.»²

Em nosso entender, o exposto evidencia a complexidade da dimensão humana e do processo educativo. Por conseguinte, a indisciplina nas escolas constitui um dos motivos dessa complexidade com que hoje os docentes são confrontados e que se traduz nos vários problemas no exercício da sua profissão. Por ser a indisciplina um conceito polissémico e multidimensional, é abordado por um conjunto de teorias explicativas como as teorias behavioristas, desenvolvimentista, sociológica humanista, sócioinstitucional ou organizacional e cognitiva.

O sucesso de qualquer docente no exercício da sua função não depende somente do seu orgulho profissional; do domínio científico, pedagógico, técnico e teórico que manifesta; da sua postura social, cívica e moral irrepreensível, mas também do bom relacionamento com os seus educandos. Devido à heterogeneidade das turmas o professor terá que ter em atenção as características comuns dos alunos, mas acima de tudo, as características individuais de cada um, a fim responder adequadamente às exigências inerentes a essa heterogeneidade. Para isso será necessário o conhecimento das várias teorias explicativas do processo ensino-aprendizagem para que se possa compreender melhor os seus alunos e saber lidar com os eventuais comportamentos desajustados ou de indisciplina que alguns educandos possam

² AMADO, Augusto Borges; INOCÊNCIO, Maria Luísa Soares, (2003). Módulo; *Psicologia da Educação*; Material de Apoio; Curso de Formação de Professores. Praia. p.1

patentear na sala de aula. É devido à complexidade do fenómeno indisciplina que ao longo do nosso trabalho iremos ter em atenção as teorias acima referidas.

2ª PARTE
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

III CAPÍTULO – CONCEITOS E PERSPECTIVAS DE INDISCIPLINA

1 – Conceitos de indisciplina

Disciplina – «é um conjunto de leis ou ordens que regem certas colectividades, como: a boa ordem e respeito; a submissão a determinadas ordens; obediência à autoridade; instrução e educação; ensino, acção dirigente de um mestre; estudo de um ramo do saber humano» (Stoer: 1994)

Se tomarmos como suporte esta definição, pode-se verificar que ao colocar o prefixo “in” a palavra indisciplina, ao contrário da disciplina, nega a ordem e nega consequentemente as leis por que se regem as colectividades, e, portanto, está-se a recusar as regras da boa conduta, a boa ordem e o respeito; está-se a desobedecer a autoridade e, do mesmo modo, a instrução e a educação. Mas a indisciplina é vista ainda como falta de disciplina, desobediência e rebeldia.

Filomena Vasconcelos, citando Stoer, refere a disciplina como sendo um dos factores essenciais e normal de desenvolvimento de uma aula. Muitas vezes as normas são infringidas pelos alunos e também por alguns professores. A indisciplina é exactamente a violação desses princípios. Para a autora não é fácil falar da indisciplina, visto ser necessário considerar certos parâmetros como: a idade ou fase que os alunos atravessam, o diálogo e a compreensão, passividade e permissividade por parte de alguns professores, a inexistência de uma uniformização da legislação em termos de acção disciplinar, etc. Do mesmo modo chama a atenção para a questão da violência como sendo um dos exemplos de indisciplina, quando não se cumprem as regras por que regem as salas de aulas. Insiste ainda que só se combate a indisciplina quando professores e alunos cumprem na íntegra as normas do regulamento interno da escola, quando há uma uniformização na aplicação das penas disciplinares e sobretudo se professores e alunos juntos fazem da escola um lugar de prazer.

Luiza Cortesão aborda a questão da indisciplina na escola referindo-se ao seu antónimo e levanta várias questões:

-“Será que se pode inferir que em educação se poderá afirmar o mesmo? Será que em educação a indisciplina se poderá considerar sempre como perturbadora, como indesejável e, correspondentemente, a disciplina como sempre desejável?” (Stoer: 1994)

Para Luísa Cortesão a indisciplina é uma maneira utilizada pelas crianças e jovens para descarregar a grande quantidade de energia que têm dentro deles.

Segundo ela a solução passa necessariamente pelo envolvimento e responsabilidade de todos: da sociedade, do sistema educativo, dos curricula, dos professores, das escolas etc. estes por sua vez devem contribuir para que a escola passe a ter mais significado para as crianças e jovens.

Para esta socióloga a indisciplina é um conceito ambíguo na medida em que há situações e tipos de perturbações deveras inaceitáveis ao mesmo tempo que um mesmo comportamento poderá ser considerado sinal de indisciplina por uns e perfeitamente aceitável por outros, e uma mesma actuação poderá ser indisciplina num dado contexto e noutro não. Reafirmo ainda que depende do conceito que o professor tem de disciplina, da relação que o professor estabelece com os alunos na aula, dos seus limites de tolerância (para uns, mexer, questionar situações, ordens, usar o raciocínio divergente é já indisciplina, e para outros não). Depende sobretudo das estratégias de trabalho a que recorre na realização dos trabalhos, do maior ou menor significado que esses trabalhos têm para os alunos

Segundo Graine de Grapule, Fernand Deligny, (1982) os alunos “portam-se mal” quando se aborrecem, quando o que acontece na escola não lhes diz nada, não tem para eles significado, quando não têm um projecto a realizar, quando são forçados a estar passivos, quietos e calados.

Neste aspecto os autores chamam à atenção do professor: uma mesma turma pode ser indisciplinada com um professor e com outro não, dependendo da criatividade de cada um e da capacidade de improvisação, das suas habilidades em cativar e concentrar os alunos nos trabalhos e da forma de relacionamento de cada professor com os seus alunos. É sobretudo saber ocupar de forma criativa e prazerosa os tempos dos alunos. A esse respeito Edouard Claparède citado por Jean Cheateau na sua obra os Grandes Pedagogos (1956), p.308, partilha da mesma opinião dizendo que a escola deve ser activa para que possa mobilizar a actividade da criança. Sendo por isso um laboratório de amor ao trabalho.

Os mesmos chamam a atenção para um outro aspecto que é importante considerar, mas entretanto de mais difícil solução. Com a progressiva concretização da

“escola de massas” entram para a escola cada vez mais crianças que antigamente não se encontravam lá. São crianças habituadas ao clima de violência verbal e física, que convivem diariamente com situações de desequilíbrio, de marginalidade, de drama, de agressão, de luta para a sobrevivência. São exemplo as crianças que se desenvolvem em bairros degradados, abandonadas à sua sorte sem quem as apoie e lhes dê sequer o mínimo de enquadramento, de protecção. São crianças que convivem com a morte, com a agressão, com violações, com roubos, com rusgas da polícia, com ameaças e concretizações de prisões.

Uma análise atenta do que foi dito deixa entender que a indisciplina e a violência são questões com que a escola tem que conviver, devendo, no entanto, estar atenta às transformações que a sociedade vem enfrentando e preparar convenientemente os seus docentes de forma a responder com eficácia aos desafios que lhe são impostos. Assim sendo, será necessário a criatividade dos docentes no desempenho das funções, de forma a cativar a atenção do aluno para a necessidade da adoptar uma atitude positiva em relação à disciplina.

Para Ana Benavente, (1994) a indisciplina ou disciplina, era apenas um regulador de um determinado contexto que tinha de ser analisado, nas suas práticas, naquilo que lá se fazia e como se fazia. Adverte ainda dizendo ser espantosa a forma como a escola convive e funciona com problemas de violência e situações de indisciplina. Para esta autora a disciplina ou indisciplina dos alunos depende do modo como são partilhados os espaços disponíveis, o tempo, a assiduidade e pontualidade do professor, depende do respeito ou não das normas por que regem as escolas e as actividades escolares e pedagógicas, da personalidade dos agentes educativos especialmente o professor, enfim depende de um conjunto de factores presentes e concorrentes no processo de ensino e educação.

A questão da indisciplina tem a ver com a escola, com o espaço educativo de entre outros factores como o acompanhamento dos alunos, etc.

Para Raul Alves a disciplina e a indisciplina são correlativos. Não existe disciplina sem indisciplina e vice-versa. A indisciplina é uma série de comportamentos inaceitáveis produzidos tanto dentro como fora da sala de aula. Isso acontece quando as crianças e jovens em idade de estarem com a família são colocadas na escola para aprenderem e produzirem coisas iguais. (Citado por STOER, 1994)

2 – As diferentes perspectivas da indisciplina

2.1 – Perspectivas Sociológicas

2.1.1 - Indisciplina como desvio à moral social

Do ponto de vista sociológico a disciplina é um conjunto de regras e práticas moralmente aceites, que permite a integração do indivíduo no funcionamento das instituições e na ordem social. Assim sendo torna-se indispensável adquirir certos comportamentos moralmente aceites na sociedade e banir outros. Então pode-se dizer que todo e qualquer comportamento que contrapõe o conceito de disciplina é considerado indisciplina.

Em relação aos alunos são considerados indisciplina todos os comportamentos manifestados tanto dentro como fora do espaço escolar e que contradizem as regras estabelecidas na sala de aula e pela própria Direcção. Isso não significa cortar a liberdade do aluno, mas sim uma adequação ao comportamento que vai de encontro à missão da educação que é, segundo Emile Durkheim, citado por Amado conferir uma natureza social ao ser humano: «a função da educação deve, pois, ser a de conferir uma natureza social ao ser egoísta e insocial que acaba de nascer, submetendo-o às normas».³ Ainda segundo este teórico a disciplina é «a submissão à ordem social e auto domínio que a criança atinge pelo sentimento do dever. É portanto útil no interesse da sociedade e como meio indispensável sem o qual não poderia haver cooperação nem no próprio interesse do indivíduo». A indisciplina «é uma imoralidade». (Durkheim, 1982, Cit. AMADO JOÃO, 1991: p.35)

2.1.2 - A indisciplina como resistência à ordem estabelecida

À luz dessa perspectiva a indisciplina surge como uma resposta à imposição da classe dominante sobre as outras.

Segundo João Amado citando Bourdieu Passeron e Boudelot «a indisciplina é uma espécie de instinto de classe que impele os alunos oriundos do proletariado para a resistência aos valores da escola e como consequência resulta em:

- Insulto ao professor
- Destruição do material
- No emprego da linguagem grosseira» (Amado, 1991: 36)

Em suma, na perspectiva desses autores, a indisciplina é a única forma justificável de se concretizar tal revolta.

Essa perspectiva realça a importância do currículo escolar no seu duplo aspecto, sendo um explícito e formal e outro oculto e informal, considerando a escola como um espaço social e de natureza pedagógica, de confronto activo, de interacção colectiva, de partilha, de cultivo de valores e de desenvolvimento de sensibilidades, enfim, um espaço de desenvolvimento

³ AMADO JOÃO: *A Indisciplina na Escola*; nº 13; 3ª Série; p. 35, Jan. 1991

multifacetado do aluno. Essa visão contrapõe e critica duramente o currículo formal que se vem impondo às escolas, cuja finalidade é, de forma unilateral, transmitir tacitamente valores através das relações sociais de rotinas, onde o estudante apenas recebe passivamente os valores que a classe dominante pretende impor ignorando a desigualdade da capacidade intelectual dos alunos. A esse respeito Apple diz o seguinte: «os alunos rejeitam os currículos formal e oculto, resistindo ao disfarçado ensino da pontualidade, do asseio, da obediência e de outros valores economicamente enraizados» (Apple, citado por Amado, 1991)

Resumidamente esta perspectiva considera a inadequação da escola, a pedagogia utilizada e a natureza dos currículos como os principais causadores da indisciplina nas escolas.

2.2 – Perspectiva defectológica da indisciplina.

Essa perspectiva vê a indisciplina como sintoma de patologia individual ou social. Considera a questão traumática provocada pelos conflitos familiares e/ou sociais e a própria constituição física e intelectual do aluno como factores geradores da indisciplina. São, por conseguinte, indicados três tipos diferentes de patologia:

2.2.1 - A patologia individual: centraliza o problema indisciplinar sobretudo nos factores biológicos, afectivo-emocionais e na fraqueza da própria criança. Vê a indisciplina como sendo uma manifestação dos defeitos da criança, da sua vida ociosa que resulta em incapacidade de fixação, baixo rendimento escolar e agressividade.

2.2.2 - A patologia familiar: vê a indisciplina como um sintoma de perturbações relacionado com a dinâmica afectiva no seio da família. Esta concepção atribui toda o problema de indisciplina à responsabilidade familiar.

Referindo-se à relação existente entre os comportamentos ditos anti-sociais e as características do ambiente familiar Feldhusen, citado por AMADO (1991), conclui que:

- Há um deficiente acompanhamento dos filhos pelos pais (mães principalmente) e uma fraca disciplina imposta aos respectivos filhos;
- Os pais são hostis em relação aos seus filhos;
- Há uma dispersão/desagregação familiar;
- A punição física é muito utilizada pelos pais quando os filhos cometem falhas;
- Os pais exercem pouca influência sobre os filhos e as más influências externas sobrepõem-se às suas;
- A educação dada pelos pais tem um fraco impacto nos filhos, principalmente para os que trabalham.

Hinde e Tamplin; French e Waas, Biley e Schaw, concluem nas suas investigações que a indisciplina «é um reflexo da ausência de condições para uma adequada educação familiar». (Amado: 1991, p. 38)

2.2.3 - A Patologia Social: A Patologia Social considera a indisciplina como uma doença social resultante da observação diária de violências por parte das crianças e jovens através dos meios de comunicação social, e em especial pela televisão. «A criança exposta a modelos agressivos é levada a imitá-los e a transferir a agressividade para outras situações». (Bandura: 1961,1963, citado por Amado, 1991) Esta teoria demonstra que existe uma influência negativa dos meios de comunicação social nas atitudes e comportamentos das crianças. A mesma teoria propõe a implementação de programas eficazes de intervenção educativa como forma de atenuar a situação.

2.3 – Perspectiva Organizacional

A indisciplina é entendida como conflito organizacional suscitado pelas diferenças comportamentais, culturais, de estatutos e de objectivos dos indivíduos que formam uma organização. Esse conflito surge quando os elementos que formam a organização não são coesos; quando existem interesses individuais. No entanto, para que a organização funcione melhor, será necessário haver regras a serem seguidas pelos elementos que formam a organização, tais como:

- Delimitação das áreas de competência;
- Distribuição hierárquica das tarefas;
- Existência de um regulamento interno da organização;
- O poder disciplinar tem que ser explícito, assim como a preocupação pela estabilidade das normas;
- Cumprimento dos horários;
- Recrutar quadros com base na sua qualificação (Polk e Schafer. 1991)

Esta teoria compara a escola com uma organização social onde impera o relacionamento mutuo, o espírito de apoio e entreajuda entre os diferentes intervenientes e atendendo aos estatutos, culturas e ritmos de aprendizagem de cada um, aliados às boas condições da escola e de aprendizagem.

À luz desta teoria as escolas com baixo nível de disciplina caracterizam -se por:

- Falta de supervisão dos professores nas várias áreas escolares
- Ao pessoal auxiliar é atribuído o papel de disciplinar os alunos;
- Há discordância na implementação das regras entre os professores e a direcção da escola;

- Existe inconsistência na aplicação das regras;
- Muitos problemas de indisciplina por resolver; (Amado: 1991)

Polk e Schafer são dois estudiosos da questão da indisciplina como organização e afirmam que «a própria estrutura organizacional da escola e as más experiências e vivências que ela oferece aos alunos são responsáveis pelos desvios». Contudo várias pesquisas feitas sobre vários autores confirmam que para que haja disciplina e bom clima nas escolas é necessário que a escola e os alunos discutam em comum as regras a impor e os objectivos de todas as actividades pedagógicas. De acordo com esta perspectiva existem medidas preventivas para a resolução da questão da indisciplina nas escolas:

- Realização de actividades extracurriculares já que estas permitem, eliminar os excessos de energia dos jovens, a estabilidade emocional e muitos outros objectivos. Várias investigações têm provado que as actividades extracurriculares têm aumentado o rendimento escolar do aluno, bem como satisfazem as suas aspirações além de melhorar o seu comportamento, como é o exemplo do atletismo;
- Boa gestão e organização da escola – quando as tarefas forem bem distribuídas, com partilha de responsabilidades, quando existem acordos no cumprimento das normas, determinação dos funcionários em levar adiante as actividades de supervisão extracurriculares e complementares e uma supervisão omnipresente dos chefes hierárquicos, está-se a prevenir e a combater a indisciplina.
- A autonomia do professor e da Direcção: o professor deve pautar pela postura firme, imparcial, dedicado, democrático, bom gestor da sala de aula e atencioso para com todos os alunos sem discriminação. A autonomia do professor, na prática, reforça as regras da instituição e multiplica-as.

3 – Indisciplina e interacção na aula

Essa perspectiva considera que a indisciplina é tida como, todos os comportamentos inadequados que dificultam a realização das tarefas que os docentes pretendem levar a cabo na sala de aula e consequentemente o cumprimento dos objectivos previamente almejados.

A propósito passaremos a abordar alguns aspectos como:

3.1 - A indisciplina e gestão da aula

As investigações feitas acerca da indisciplina têm demonstrado que numa escola onde a direcção é bem organizada e todos os seus órgãos funcionam haverá pouca probabilidade de acontecer casos de indisciplina. Pelo contrário as escolas cuja direcção é mal organizada os casos de indisciplina são mais prováveis e por vezes de difícil resolução.

Portanto, o sucesso escolar está intimamente ligado a uma boa organização da escola, das aulas e do auto conceito dos alunos, o que desmotiva o desvio às normas.

Entretanto acreditamos que todo o professor na sua sala de aula quer ser referência para os seus alunos, quer dar o máximo para transmitir convenientemente os conteúdos, quer ser tolerante, exemplar, amigo e construir uma boa imagem de si. Se por acaso alguma vez o professor é causa da indisciplina será sem querer.

3.2 - A escola e a negociação no interior da sala de aula

A sala de aula é um espaço público e de encontro de aspectos comportamentais, raciais e culturais múltiplos. Tal diversidade pode constituir-se num factor gerador de conflitos e comportamentos desviantes «...deste modo na sala de aula se aprende e se educa, cria formas de fazer face aos problemas, cria truques de ofícios, astúcias, de como desembaraçar, ultrapassar certos tabus e inibições...» (João Amado, 1991: p 58)

Segundo Peter Woods, «o professor é compelido, antes de mais, a sobreviver (survival model), uma vez que está entalado entre as pressões institucionais e a indisciplina do aluno. Só depois, e em segundo lugar, se empenha nas tarefas e estratégias do ensino. As acções do professor dentro da sala de aula visam a obtenção de fins e de resolução de conflitos, desvios e desequilíbrios de poder (...) os desvios do comportamento no interior de qualquer sistema social, devem-se a desequilíbrios entre os fins propostos numa instituição (êxito social, prestígio, poder, etc.) e as possibilidades objectivas de certos grupos alcançarem como meios legítimos» (Woods: citado por Amado, 1991)

3.3 - Indisciplina e expectativas do professor

São consideradas expectativas todas as interferências (imaginadas/pensadas e/ou concretizadas) que o professor faz em relação ao futuro do aluno (podendo ser comportamental ou académico). Possivelmente quando um professor acredita na capacidade ou incapacidade de um determinado aluno esta acaba por se confirmar.

Entretanto, é necessário uma boa postura do professor quando se está a fazer recolha directa ou indirecta de informações acerca do aluno, pois, pode influenciar positivamente ou negativamente a relação aluno-professor.

«De acordo com as expectativas que o professor desenvolveu acerca do aluno podem surgir dois fenómenos de grande importância na adaptação do aluno à escola:

- profecia auto-realizada;
- rotulação ou etiquetagem» (Thomas Good, citado por Amado, 1991)

De acordo com os estudos de Good, a profecia auto-realizada assenta no seguinte: ainda que um aluno seja fraco academicamente e mal comportado, mas se o professor tiver uma expectativa positiva do aluno (que é capaz de ser bom academicamente e bem comportado) tal expectativa acabará por se concretizar. Este passará a ter bons resultados e bom comportamento e consequentemente desenvolverá boas relações com o professor, com os colegas e passará a encarar positivamente a escola. «O fenómeno rotulação ou de etiquetagem é uma espécie de “marca” ou “estigma” com que o aluno é identificado.» (Diez-agudo, citado por CHATEAU, 1956)

Em nosso entender o primeiro caso (profecia automatizada) provoca o aumento do rendimento escolar e do comportamento desejável do aluno; enquanto que no segundo caso (rotulação) é a causa do baixo rendimento do aluno.

A essa expectativa os investigadores Robert Rosenthal e Lenore Jacobson chamam de efeito de pygmalião. O efeito de pygmalião assenta sobretudo nas expectativas desenvolvidas pelo professor acerca de um aluno no início do ano e estas acabam finalmente por se concretizar no final do ano lectivo.

Em suma, as expectativas desenvolvidas pelo professor acerca do aluno acabarão por afectar o auto conceito, motivações, níveis de aspiração, conduta do aluno e consequentemente o resultado escolar.

Segundo Good e seus colaboradores, a rotulação dos alunos está ligada às teorias da indisciplina ou do desvio. A rotulação é uma das causas da indisciplina na sala de aula.

Neste sentido propôs que a indisciplina na escola seja entendida como processo social. Conclui que as indisciplinas surgidas eram na sua maioria provocadas pela infracção às regras do “processo aula” ou melhor regras que perturbam o bom funcionamento das aulas. Todavia,

a nosso ver as ideias de Good vão ao encontro da teoria organizacional já que o autor propõe mudanças no método de ensino, na interação professor-aluno, na relação escola-meio, além de propôr que a direcção da escola oiça os alunos como forma de solucionar o problema de indisciplina nas escolas e na sala de aula.

3.4 - Indisciplina, curriculum e métodos de ensino

N. Bennet conclui num estudo feito com um grupo de professores que «o ensino liberal leva a um excesso de liberdade do aluno e talvez até cause problemas de indisciplina». (Amado, 1991, p.45)

Maria Teresa Estrela, num estudo semelhante ao de N. Bennet chega a uma conclusão idêntica: «o fracasso do poder normativo dos professores é o principal analisador que põe em relevo o disfunção do sistema normativo e as suas relações com o sistema de produção. Com efeito, o mau comportamento disciplinar da classe não só põe em causa o rendimento escolar da turma, mas também limita o emprego de determinados métodos e técnicas de ensino». (Amado, 1991, p.45)

Assim sendo, a escola precisa negociar um modelo ajustado ao modelo cultural do aluno; por sua vez, o professor deve utilizar uma estratégia significativa e coerente com os conteúdos curriculares e com os objectivos, promover a coordenação e integração de várias matérias, além de manter uma postura firme, cordial, bem-humorado e tolerante para com os alunos. Por sua vez, deve o aluno ter um papel activo na escolha dos conteúdos, na organização dos trabalhos, na sua auto-motivação e auto-disciplina.

Quando os alunos, individual e colectivamente passam a responsabilizar-se pelos seus actos, são mais autónomos e tomam posições em relação ao funcionamento da escola consegue-se então combater a indisciplina e aumentar o sucesso escolar.

O mesmo entendimento tem Lind Mc Neil quando diz que «para o combate à indisciplina é necessário que os conteúdos curriculares sejam bem seleccionados atendendo aos anseios, às vivências, e que sejam significativos para os alunos.» (Amado, 1991, p. 45)

Assim sendo, tanto os professores como os alunos estarão mais empenhados na vigilância e no cumprimento das obrigações e conseguem trabalhar duma forma partilhada.

O currículo escolar contribui grandemente para situações de indisciplina entre os alunos, uma vez que favorece o elitismo de conhecimento, estimula o sucesso escolar com base em meras provas académicas ao mesmo tempo que põe de lado os menos capazes. Os alunos considerados menos capazes, ou seja, aqueles que não conseguiram acompanhar os conteúdos programáticos porque não lhes dizem nada, ou porque têm preferências por outras

áreas disciplinares o que acarreta várias consequências como: desinteresse, aborrecimento, marginalização, frustrações, e culmina na indisciplina.

Pensamos por isso ser necessário que os professores de uma escola se reúnam em equipas de investigação pedagógica e de reflexão tendo por tema as condições, vivências e problemas que afligem o seu local de trabalho, com a colaboração dos órgãos centrais do Ministério da Educação, dos especialistas em estudos das questões sociais, dos pais e da sociedade civil. cremos ser este o caminho para uma verdadeira mudança e um efectivo desenvolvimento da educação. De acrescentar que as soluções possíveis por nós apontadas a respeito da indisciplina na escola não deverão ser encaradas como receitas mas antes como objecto adequação e investigação na sua sala de aula e na sua escola. De facto não há receitas; há sim hipóteses que devem ser confirmadas caso a acaso e por cada um na escola, na família

IV CAPÍTULO – CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NA ESCOLA

1 – As causas da indisciplina

Das pesquisas feitas verificámos que a indisciplina tem origens diversas. Ela pode ser causada pela família, pela sociedade onde o aluno esteja inserido, pelos meios de comunicação social, pelo aluno, pelo professor e pela própria escola.

Para melhor esclarecer essas causas atentemos nos detalhes que se seguem.

1.1 - A família

A função educativa da família é insubstituível. Ela constitui inegavelmente a principal instituição educativa de onde saem valores que dignificam a pessoa humana. Porém, é necessário dar atenção aos filhos. Não deixá-los entregues a si mesmos face às primeiras e grandes opções de vida, principalmente os adolescentes os quais necessitam de encontrar nos pais uma grande capacidade de diálogo, confiança, além de um testemunho de coerências entre convicções e opções de vida que em muitos casos são vitais. «As causas familiares da indisciplina estão à cabeça. É aí que os alunos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam nas aulas. Em tempos a pobreza, violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como as principais causas que minavam o ambiente familiar. Hoje aponta-se o dedo também à desagregação dos casais, droga, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da educação dos filhos, etc. Quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplina provêm de famílias onde estes existem.

A novidade está contudo na participação directa dos pais na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos próprios filhos, muitos pais apontam o dedo aos professores que acusam de não os saberem “domesticar”. Frequentemente estimulam e legitimam a sua indisciplina nas escolas. Alguns vão mais longe e agredem professores e funcionários».⁴ Por conseguinte, os pais representam um dos pólos essenciais no processo de

⁴ *Indisciplina na Escola*. Terminologia. Natureza. Tipos. Manifestações. Causas. Medidas. Conclusão (em construção); | DGIDC | dgidc@dgidc.min-edu.pt

maturação da personalidade dos filhos. O verdadeiro perigo está na falta de modelos ou de referências, razão pela qual se sentem obrigados a seguir um ideal.

Muitos comportamentos difíceis manifestados por certas crianças poderão ter a sua origem na família. Se o ambiente familiar for desfavorável, onde não haja co-responsabilização dos pais na educação dos filhos, as crianças poderão apresentar problemas na estruturação da personalidade.

As mulheres mães e chefes de família que diariamente estão fora de lar à procura de ganha-pão para os filhos deixam-nos abandonados à sua sorte devido à falta de condições para custear os jardins. Essas crianças desprotegidas e sem nenhum tipo de orientação expostas aos mais variados desmandos e imposturas de rua e dos vizinhos.

Face a essa situação, as crianças são vítimas de fenómenos de ansiedade e angústia persistentes, o que gera conflitos interiores que se manifestam em agressões frequentes e outros comportamentos considerados desviantes.

As mudanças ocorridas no seio da família nestas últimas décadas transferiram determinadas tarefas e responsabilidades tradicionalmente familiares à escola e aos professores. Assim, conciliar a diversidade cultural e de valores com as condições humanas, logísticas e de espaço físico não é tarefa fácil por parte do professor e da escola.

Torna-se então necessária uma actualização constante dos professores e uma readaptação das nossas escolas às mudanças sociais e familiares, para que haja uma resposta positiva às novas exigências.

A propósito da família como causadora da indisciplina nas escolas, (Baumrind 1967, in Campos, 1990), referiu quatro (4) tipos diferentes de família: A família permissiva, a família negligente, a família democrática e a família autoritária.

Na família permissiva (permiciosa) os pais satisfazem plenamente e em primeiro lugar os desejos dos filhos. Os pais fazem tudo o que os filhos querem e não são exigentes para com eles. Muitas vezes não são capazes de corrigir tempestivamente os comportamentos indesejáveis. Por sua vez os filhos são geralmente inseguros, egoístas, com baixo nível de auto-estima e auto-suficiência. Neste caso os pais aceitam que os filhos profiram impunemente palavras feias e imorais e tenham comportamentos incorrectos. As correcções disciplinares acontecem de forma imprevisível e inconsciente quando o comportamento da criança for muito grave e intolerável. Chegado a este ponto os pais procedem às devidas correcções como o último recurso.

Nas famílias negligentes, os pais são extremamente inconsistentes. Não impõem uma regra clara na educação dos filhos. Para o mesmo comportamento inadequado, os filhos, por

vezes são punidos, por vezes não. Por esse motivo são chamados de pais consistentes inconsistentes. Estes são mais afectivos, mais autoritários, ou então depende do estado de humor. Os filhos não sabem quando é que são punidos ou não, perante determinados comportamentos. Neste caso os filhos são agressivos, anti-sociais e incapazes de controlar os seus impulsos. Normalmente apresentam comportamentos indesejáveis. É nesse tipo de famílias que aparecem muitos filhos delinquentes.

Nas famílias democráticas os pais assumem plenamente as suas responsabilidades. São estabelecidas regras claras quanto às responsabilidades e comportamentos dos filhos. As regras são discutidas e assumidas em comum acordo, e são estabelecidas as regras de actuação perante determinados comportamentos. Face aos seus comportamentos os filhos poderão ser punidos e recompensados. Os filhos são amados incondicionalmente; são estimulados por aquilo que fazem de positivo e são plenamente assumidos. Estas crianças apresentam geralmente um elevado nível de autoconfiança e de auto-controlo. São muito responsáveis, independentes, criativos; são muito sociáveis, críticos e bastante assertivos nas suas actuações e intervenções.

Nas famílias autoritárias os pais decidem pelos filhos e estabelecem regras rígidas a serem cumpridas. O comportamento dos filhos é julgado e controlado mediante regras rigidamente estabelecidas. O objectivo é respeitar a autoridade dos pais e evitar comportamentos considerados desviantes. Há portanto pais que acabam por gerar problemas ainda maiores ao tentar corrigir comportamentos inadequados nos filhos. Os especialistas estão de acordo que tais procedimentos são muito graves para as crianças por suscitarem ódio e espírito de revolta. Normalmente as crianças vítimas dessas situações apresentam um baixo nível afectivo e de auto estima, e adoptam atitudes conformistas face às exigências dos pais. São dependentes e carentes de auto-confiança. São muito conservadoras, conformistas, inflexíveis, introvertidas e pouco críticas. Crianças com essas características acabam por patentear comportamentos que permitem compensar frustrações e sentimentos de ódio contra os colegas, professores e contra a própria escola perturbando o bom funcionamento da escola.

Face a essas características pensamos ficar claro que a influencia do meio familiar desfavorável dificulta grandemente o desenvolvimento integral das crianças e promove a indisciplina. Podemos citar ainda outros aspectos vividos na família que podem influenciar negativamente a criança como por exemplo: os maus hábitos educativos; choques afectivos; negligência dos pais; conflitos conjugais; droga e alcoolismo no seio da família; situação sócio-económica precária da família, entre outros. Esses aspectos contribuem para a formação

de personalidade desajustada com consequências negativas para a escola. Nessa base o trabalho do professor terá que ser redobrado visto que terá de atender às exigências académicas ao mesmo tempo que terá de atender às diferenças de hábitos e comportamentos dos diferentes alunos.

Torna-se necessário, pois, um melhor relacionamento entre a escola, os professores e a família, de forma a auxiliar o aluno na sua formação integral e adequada. O professor só poderá ajudar o aluno se conhecer verdadeiramente os seus problemas.

1.2 - A Sociedade

«Há séculos que se apontam uma série de nefastas influências sociais para explicar certos comportamentos violentos dos jovens. As práticas de diversão estão em geral à cabeça neste inventário das fontes de uma cultura de violência. (...) Mas o problema ultrapassa a diversão. As nossas cidades são particularmente violentas. A única forma de sobreviver é assumir esta cultura de violência (...) Obter o máximo prazer no mais curto espaço de tempo, não importa os meios»⁵.

Hoje mais do que nunca as mães chefes de família têm necessidade de ausentar do lar diariamente à procura do ganha-pão. Por este e outros motivos a criança passa a maior parte do seu tempo fora de casa, com os colegas, com os vizinhos e na escola.

Uma criança que mora numa zona onde as pessoas são agressivas, conflituosas e onde ocorre muita criminalidade, essa criança acaba por interiorizar esses hábitos devido ao longo tempo de exposição e convivência com essas situações. Essa exposição resultará como consequência comportamentos e atitudes pouco dignos perante os colegas e não só.

Quer isso dizer que o bom comportamento, o respeito pelos colegas e pelo professor, a amabilidade assim como os comportamentos reprováveis socialmente designadamente o desrespeito pelos outros e pelo professor, a agressividade, o furto, a imoralidade a delinquência e outros são causadas muitas vezes na sociedade onde o aluno está inserido.

1.3 - A Comunicação Social

Os meios de comunicação social constituem hoje fontes de informação e de conhecimento por excelência. Em pleno séc. XXI os meios de comunicação social, nomeadamente, a rádio e a televisão a internet têm influenciado grandemente a vida familiar e

⁵ *Indisciplina na Escola*. Terminologia. Natureza. Tipos. Manifestações. Causas. Medidas. Conclusão (em construção); dgid@dgidc.min-edu.pt

têm tido efeitos bastante consideráveis na educação das crianças, tanto positivos como negativos. Actualmente muitos dos esforços, que os pais e encarregados de educação vêm fazendo para a transmissão de valores que são cruciais na formação de comportamentos, determinação de condutas e formação de personalidades socialmente úteis e portanto desejáveis estão sendo relegados para o segundo lugar em detrimento outras opções da vida novas modas, novas culturas, formas de obtenção de uma vida fácil e.t.c.) É neste sentido que afirmamos que a comunicação social molda o indivíduo. Entretanto, na maioria dos casos a realidade é deturpada e desvirtuada da sua essência e do seu realismo o que consideramos ser negativo para a formação da consciência da criança ou da pessoa.

1.4 - O aluno

Vários investigadores consideram a personalidade do aluno um dos responsáveis pela indisciplina na sala de aula, entre os quais Freud, Foucault e Max Weber. Estes realçam os vários tipos de comportamentos que manifestam. Considerando a atitude que assumem perante as obrigações, uma classificação de inspiração weberiana distingue três tipos de alunos:

- «Obrigados-satisfeitos: uma maioria que se conforma às exigências que a escola lhes impõe.
- Obrigados-resignados: a maioria que se adapta ao sistema procurando tirar partido da situação, atingindo dois objectivos supremos: “gozar a vida” e “passar de ano”.
- Obrigados-revoltados: uma minoria inconformados (ou maioria conforme as circunstâncias sócio-económicas do meio). Da família à escola e desta à sociedade colocam tudo em causa: valores, normas estabelecidas, autoridade, etc.».⁶

Ainda a esse respeito Teresa Estrela (1986) e Beatrice Taylor (1989) referenciam vários tipos de alunos: arrogantes, hiperactivos, inactivos, agressivos, perturbadores, não cooperativos, manipulativos, faladores de entre outros. Essas características se manifestam de diversas formas como por exemplo:

- Sai constantemente do lugar, mostra sinais de cansaço, está triste, tem pensamento longe, agride verbal e corporalmente os colegas, rouba, mostra violência, desrespeito pelos colegas e pelo professor, não aceita as críticas, quer chamar à atenção aos professores e aos colegas, etc. Convém não se esquecer que esses alunos se encontram na fase da adolescência, fase essa

⁶ *Indisciplina na Escola*. Terminologia. Natureza. Tipos. Manifestações. Causas. Medidas. Conclusão (em construção); dgid@dgidc.min-edu.pt

entendida como sendo de múltiplas e profundas transformações físicas, biológicas, cognitivas, morais, sociais e da construção da identidade.

É nessa fase que o adolescente se confronta com as implicações psicológicas do desenvolvimento físico, biológico; a nível corporal adquire nova percepção da sua imagem, do seu corpo, das mudanças sexuais que nele se operam e a maturidade que agora se verifica, seja ela precoce ou tardia, e a conformidade sexual subjectiva; a preferência para o grupo de pares, a sua auto afirmação: Os filhos adolescentes querem afirmar a sua independência, emancipar-se da tutela parental, adquirir autonomia de comportamento, ter acesso à autonomia afectiva. Enfim, essas e outras razões influenciam determinantemente o relacionamento, tanto com os pais como com os colegas e professores, e esse relacionamento se torna cada vez mais difícil de gerir. Os adolescentes vivem momentos de confusão: não sabem o que escolher; vivem sempre em dilema e querem definir a sua identidade. Por isso a ajuda da família e da escola é crucial. Por essas razões consideramos que a indisciplina na sala de aula tem como uma das origens o aluno.

Na escola, cabe fundamentalmente ao professor e a todos os agentes envolvidos no processo educativo responsabilidade de ajudar o aluno na definição da sua personalidade. Essa ajuda é conseguida através da criação de um clima saudável, de relacionamento afectivo, intelectual e social que o professor desenvolve na sala de aula mediante a sua postura, estratégias e medidas ajustadas. É por essa razão incontestável a importância da formação dos professores nos mais variados domínios, para que possam conhecer os vários tipos de problemas com que poderão confrontar, saber geri-los, compreender os alunos e orientá-los convenientemente.

1.5 – O Professor

Como já se referiu anteriormente, a indisciplina na sala de aula tem a ver com muitas variáveis relacionados com o professor, com o aluno, com os companheiros, com o ambiente familiar e social, isto é, variáveis endógenas e exógenas à escola, em interacção constante. No entanto, na difícil tarefa de educar, é necessário propor modelos. Os jovens pedem-no-los, e todos reconhecemos a sua importância. O professor, como os pais, tem de ser o modelo no qual as novas gerações se espelhem e com quem se confrontam.

Normalmente os professores não se auto responsabilizam como causadores da indisciplina na sala de aula. No entanto, vários autores consideram ser os professores muitas vezes os responsáveis da indisciplina na sala de aula devido a determinadas posturas. J. H. Barros de Oliveira e A. M. Barros de Oliveira (1996) citando Flanders, estão de acordo que

«há professores que se tornam o centro da dinâmica escolar e outros que deslocam o centro para os alunos. Quando os alunos são o centro, tendiam a colaborar melhor, a interessar-se mais pelo estudo e a controlar-se melhor, enquanto se tornavam mais ansiosos e hostis quando era o professor o centro».

No seu célebre estudo, *Discipline and Group Management in Classrooms* J. Kounin refere-se às causas da indisciplina: «o que causa a indisciplina na sala de aula são:

- Instrumentos utilizados pelo professor;
- O comportamento do professor. Considera o professor não vigilante como causador da indisciplina na sala de aula;
- A forma de agir do professor e a sua forma de motivar a aula”

Em nosso entender o autor atribui ao professor toda a responsabilidade em relação indisciplina na sala de aula. Constata-se que a situação do professor, suas atitudes, comportamentos e práticas são em boa parte motivadoras de indisciplina nomeadamente:

- Quando não planifica convenientemente as actividades a serem levadas a cabo;
- Quando não incentiva a ordem na turma ao colocar questões;
- Quando deixa espaços vazios entre as actividades e os alunos se sentem desocupados;
- Quando não diversifica as actividades e as aulas se tornam monótonas;
- Quando sistematicamente responsabiliza os alunos pelos fracassos;
- Quando se revela desorganizado ou senão mesmo trapalhão;
- Quando se revela demasiado exigente e pouco cordial;

Ainda segundo J. H. Barros de Oliveira e A. M. Barros de Oliveira (1996) citando Whith e Lippitt (1960), os professores são responsáveis pela indisciplina nas salas de aulas devido às suas características personológicas e comportamentais, e realça particularmente a figura do professor e o modo como exerce a liderança e a autoridade dentro da sala, e as consequências para o aluno.

Os autores consideram três classes de comportamentos ou de liderança dos professores:

1.5.1 – Líder (professor) autoritário (autocrático)

Atitude do professor: traça unilateralmente os objectivos e métodos de trabalho e aplica reforços (elogio ou castigo) a seu belo prazer.

Reacção dos alunos: bom rendimento de trabalho na presença do professor, grande quebra na ausência do professor; comportamentos dominadores e agressivos (procura do “bode expiatório”), submissão ou rebeldia, desconfiança mútua, incapacidade de cooperar, isolamento, inimizade, tendência a impor-se, tentativa de conquistar o apreço do professor.

1.5.2 – Líder democrático

Atitude do professor: compromisso com os alunos na determinação dos objectivos e dos métodos de trabalho, reforços atendendo aos alunos. Reacção dos alunos ao bom rendimento escolar, continuação do trabalho na ausência do professor, interesse pessoal pelo estudo e não por medo do professor, realização de trabalhos em grupos, clima de cordialidade e fraternidade, maior criatividade espontaneidade e paciência.

1.5.3 – Líder “deixa-correr” (não-intervencionista)

Atitude do professor: não traça objectivos, não determina métodos e não reforça os alunos.

Reacção dos alunos: baixo rendimento escolar, abandono total do trabalho na ausência do professor, perturbação do trabalho, desordem, inimizades e invejas e indisciplina.

Os mesmos autores apontam algumas conclusões sobre este estudo:

«1.O tipo democrático é o que obtêm melhores resultados a curto e longo prazo, a nível de inteligência e de personalidade; 2. O autoritário rende intelectualmente (na presença do professor é o que funciona melhor), mas perturba emocionalmente; 3. O pior em todos os sentidos é o “deixa-correr”; 4.alguns alunos apreciam mais o democrático; 5. Os alunos tendem a imitar o seu líder, conforme o tipo que seja; 6. A reacção dos alunos parece depender do papel do líder e não da pessoa (o mesmo professor, desempenhando papeis diferentes, obtinha resultados diferentes)» (J. B. de Oliveira: A. M. Oliveira, 1996. pp. 24,25)

As três características do professor descritas por Lippitt leva nos a concluir que o professor “deixa-correr” ou não intervencionista e o professor autoritário contribuem para a indisciplina na sala de aula, devido à forma como planificam os trabalhos, ao pensarem mais em si do que nos alunos. Coloca a sua pessoa no centro da aprendizagem relegando o aluno para o segundo plano. Esta postura prejudica o desenvolvimento intelectual e afectivo dos alunos, tornando-os rebeldes e agressivos. A não planificação das aulas, não determinação dos objectivos e dos métodos de trabalho e a ausência de reforços durante as aulas torna o aluno desinteressado, perturbador, invejoso e consequentemente indisciplinado. O professor do tipo democrático seria o ideal, embora dependa também dos alunos que tem diante de si a sua

idiossincrasia, idade, etc. Daí ser necessário ter presente diversas variáveis pessoal de grupo e variáveis situacionais. Este modelo é mais apreciado pelos alunos. Há melhores relações pedagógicas, e, conseqüentemente, conduz a melhores resultados a nível comportamental e intelectual. A nosso ver é este o tipo de professor que todos gostariam de ter nas nossas escolas. Este deveria ser bem formado pedagógica e cientificamente. O docente é valioso por aquilo que é e por aquilo que sabe. Par além dos conhecimentos científicos, metodológicos e pedagógicos de que deve estar munido, importa a própria personalidade do docente, os seus comportamentos e atitudes na sala de aula, as suas expectativas, o seu auto-conceito e outras variáveis sócio-cognitivas da sua personalidade, capaz de determinar o “fazer ser” nos alunos. «O bom professor caracterizar-se-ia fundamentalmente por uma “aptidão para estabelecer a relação» (Postic; 1979; citado por J. H. Barros de Oliveira.1996 p. 11) «um professor vale antes de tudo e sobretudo pelo coração e pelo espírito, pela influência que irradia na sua própria pessoa (...) se a pessoa não vale, corre-se o risco de fazer fracassar mesmo a preparação mais científica e didáctica. O professor vale mais pelo que é do que pelo que ensina e como ensina» (Planchard, 19975, pp. 329-325)

Ainda a propósito do professor como causador da indisciplina aponta-se quatro razões:

- «Falta de capacidade para motivarem os alunos, nomeadamente utilizando métodos e técnicas adequadas.
- Impreparação para lidarem com situações de conflito.
- A forma agressiva como tratam os alunos, estimulando reacções violentas.
- A estigmatização e a rotulagem dos alunos»⁷

1.6 - A Escola

A escola como instituição funciona como um sistema grupal e social. É importante, por isso, conhecer a dinâmica entre os alunos, e a dinâmica professor-aluno. Pela missão a que está vocacionada a escola deve proporcionar aos educandos um ambiente tranquilo, um aspecto físico atraente, equipamentos suficientes e ajustados às necessidades, com materiais didácticos e laboratoriais e com regras de funcionamento bem definidos a fim de proporcionar uma formação adequada e integral aos jovens. É neste âmbito que o artigo 11º do B.O. nº 52 de 29 de Dezembro de 1990 sugere que as escolas cabo-verdianas sejam «o centro educativo

⁷ Indisciplina na Escola; dgid@dgidc.min-edu.pt

capaz de proporcionar o desenvolvimento global do educando, em ordem a fazer dele um cidadão apto a intervir criativamente na elevação do nível de vida da sociedade».

Por conseguinte, se por um lado a escola tem a nobre missão de formar jovens conscientes da sua realidade, críticos e com espírito de iniciativa, jovens dedicados, conhecedores da sua história e sobretudo amantes da sua pátria, responsáveis e preservadores da sua cultura, com espírito de sacrifício e de trabalho para fazer desenvolver o país, jovens solidários, compreensivos e cultivadores da paz, por outro lado ela se confronta com graves problemas de indisciplina, o que não deixa de constituir sérias ameaças aos propósitos das escolas enquanto instituição vocacionada para a instrução, educação e formação.

Entretanto, tais problemas resultam muitas vezes de uma deficiente gestão do espaço pedagógico, nomeadamente das salas de aula, com consequências negativas em relação à convivência entre os alunos e estes em relação aos professores, ao desempenho escolar de uma maneira geral, tanto a nível do conhecimento, das habilidades e aptidões como a nível da disciplina e formação de carácter.

Como todas as organizações, a escola e particularmente as salas de aula constituem espaços de formação mas também de conflitos, de instabilidade, de normalização e de realização de tarefas. Entretanto qualquer uma dessas fases exige a coesão do grupo, a prossecução dos objectivos e a comunicação e interacção entre os seus membros.

J. H. Barros de Oliveira citando Parsons (1951) «sugere 5 modos ou tipos de interacção e interdependência na sala de aula:

- 1) Interacção afectiva-não afectiva (a expressão dos sentimentos positivos é uma constante, ou então prevalece a sua repressão e expressão dos sentimentos negativos);
- 2) individual-colectivo (predomínio dos interesses particulares ou então dos colectivos);
- 3) universal-particular (os alunos tratam-se uniformemente ou atendem às características particulares de cada um);
- 4) Interacção em função do rendimento-em função da adscrição (são considerados a realização concreta ou as características peculiares de inteligência, classe social, etc.);
- 5) Interacção específica-difusa (dominam as relações pessoais ou predominantemente académica».

Uma análise atenta do que nos disse Parsons permite-nos concluir que a escola pode ser geradora da indisciplina quando os interesses ou objectivos dos intervenientes no processo ensino-aprendizagem (Direcção da escola, professores e alunos) são divergentes; quando se prioriza a escola enquanto organização em detrimento dos problemas dos alunos ou vice-

versa; quando a estrutura física e organizacional sobrevalorizam os aspectos cognitivos de aprendizagem em detrimento dos aspectos sociais.

Para além dos aspectos já considerados acrescenta-se ainda outros tais como:

- A constituição de turmas de “elite” com alunos mais extrovertidos, com menos idade e que apresentam melhores condições sócio-económicas, contrariamente a outras cujos alunos têm mais idade, mais introvertidos, mais rebeldes e com fracas condições sócio-económicas;

- Turmas extremamente numerosas (por vezes com 44 alunos, mobiliários insuficientes e em péssimas condições), com implicações negativas em relação ao acesso aos materiais informáticos.

- Falta de salas especializadas para as diversas disciplinas: laboratórios de Física, Química, Biologia, salas de informática, sala de Educação Visual e Tecnológica, espaços e equipamentos de qualidade para as aulas de Educação Física, etc.

- Inadequação dos conteúdos à realidade dos alunos. Os conteúdos são muito abstractos e pouco significativos o que convida ao desinteresse e à indisciplina.

Além do mais nem sempre as escolas estão munidas de um regulamento interno no início do ano lectivo, apreciado e discutido por todos os intervenientes no processo ensino-aprendizagem, aprovado e aplicado convenientemente por todos, com especial destaque para os professores. O regulamento interno permite precaver desordens no seio do pessoal afecto à escola, e, em última análise precaver situações de indisciplina que o vazio de normas pode motivar, especialmente no seio dos alunos.

Em suma, com um verdadeiro ajuste na definição de interesses e dos objectivos comuns entre o Ministério da Educação, as escolas, professores, alunos, pais e sociedade em geral será possível pôr cobro ou pelo menos minimizar os comportamentos de indisciplina nas nossas escolas.

2 – Consequências da indisciplina na escola

Na revisão bibliográfica efectuada, verificámos que a indisciplina acarreta múltiplas consequências. Ela funciona como uma bola de neve que inicialmente parece simples, e, como tal, não merecedora de grande atenção, mas que no decorrer do tempo vai se agravando até atingir dimensões absolutamente catastróficas.

A indisciplina afecta directamente o rendimento escolar dos alunos. Os alunos indisciplinados, na sua maioria, têm baixo rendimento escolar, têm um difícil relacionamento com o professor e suscitam uma má impressão dos professores a seu respeito. Tudo isso

poderá redundar em insucesso e o abandono escolar com todos os males sociais daí advenientes: a droga, a prostituição, o alcoolismo, a delinquência, o roubo, violência, etc.

Por sua vez, a indisciplina reflecte directamente no desempenho profissional do professor e não raras vezes com consequências negativas para seu próprio estado de saúde. O mau comportamento do aluno dificulta o seu bom desempenho nomeadamente no que se refere à manutenção de um clima de atenção e concentração, elementos indispensáveis para que haja um bom aproveitamento. Se assim for dificilmente os objectivos preconizados serão atingidos. Por consequência o mais provável é que o professor se frustre, se sinta profissionalmente fracassado e isso pode resultar em stress. A esse propósito Ana Benavente (1982) diz o seguinte: «para os professores, a indisciplina é extremamente violenta, é uma causa de stress, sem dúvida nenhum professor que sai de uma aula, que correu mal desse ponto de vista, sai desfeito, sai cansado, sai preocupado, sai muitas vezes desiludido, sente-se angustiado e completamente perdido».

O património escolar é muito afectado pela indisciplina. Os alunos indisciplinados são muito propensos à agressão ao património escolar: partem vidros, danificam as portas, as janelas e os equipamentos escolares de uma maneira geral, fazem pilhagens nas carteiras e nas paredes com desenhos e palavras obscenas e ofensivas à escola e à moral pública, com custos financeiros agravados para a escola, para o Ministério da Educação e para o próprio país, que terão que disponibilizar orçamentos avultados para a reparação dos danos mas também terão de encontrar alternativas profissionais para os alunos mais problemáticos, além de disponibilizar técnicos de educação como por exemplo psicólogos para fazer o acompanhamento dos alunos.

A indisciplina na escola é apenas um sintoma de desajustamento do sistema social com os outros que lhes são contíguos. Logo, todas as agressões e os males já referidos e que são provocados pela indisciplina terão que ser suportados pela sociedade. O professor como principal agente no processo ensino-aprendizagem e com permanência diária na escola deve recorrer a todos os meios que estão ao seu alcance para combater a indisciplina, nomeadamente, diversificação de actividades de modo a que os alunos se sintam úteis, recorrendo inclusive a campanhas de sensibilização através da comunicação social com vista a que todos se engajem na causa da disciplina e assim dissuadir atitudes e comportamentos geradores da indisciplina socializando os alunos e persuadindo-os para a observância dos valores como a liberdade, a tolerância, a cooperação e o espírito crítico.

V CAPÍTULO – PROPOSTAS DE ACTUAÇÃO

Por tudo que já foi visto sobre a indisciplina ao longo do trabalho urge-nos agora salientar algumas medidas para os problemas de indisciplina nas escolas entre as quais registamos:

1 - Medidas preventivas: estas baseiam-se essencialmente no respeito às diferenças individuais. Para isso é necessário que se crie um clima de trabalho no qual o estudante demonstre respeito pelo trabalho e pelos outros; possa exprimir sem receio os seus sentimentos; as decisões possam ser tomadas democraticamente; adoptar comportamentos coincidentes com os que se desejam do aluno; autodisciplina e a consciência de si mesmo nas suas acções, no seu dizer, pensar e fazer; planificar e desenvolver aulas motivadoras, tendo em conta as diferenças individuais dos alunos e os respectivos níveis de aprendizagem; mostrar gosto e amor pelo trabalho; reforçar o comportamento adequado do aluno; colaborar com os pais e encarregados de educação; ter sempre em conta a possível existência de problemas familiares enquanto factores de risco em relação ao comportamento na sala de aula

2 - Medidas de apoio e ajuda: estas medidas baseiam-se essencialmente no estabelecimento de normas na sala de aula como forma de promover com a turma a elaboração de contratos pedagógicos, adoptando as seguintes medidas:

1º Fazer uma lista de regras a serem cumpridas pelos alunos, bem como as consequências positivas do seu cumprimento e as consequências negativas da sua infracção;

2º Levar os alunos a estabelecerem um conjunto de regras para o comportamento do professor;

3º Fazer uma lista de medidas a serem adoptadas em caso de violação de cada uma das regras, de forma a assegurar a compreensão por parte de todos;

4º Discutir em conjunto com os alunos as regras e medidas a serem adoptadas;

5º Redigir o contrato em conjunto com os alunos;

6º Marcar um período de tempo para experiências e ajustes;

7º Depois dos ajustes, divulgá-lo, expô-lo e exigir que sejam cumpridas;

8º Criar situações que permitam à classe julgar o seu próprio cumprimento das regras. Quanto a isso deve-se explicar aos alunos o comportamento e as suas consequências, e não admitir desculpas relativamente ao rompimento de acordos prévios. Deve-se registar os incidentes tendo em conta a situação vivida na aula, o comportamento desviante do aluno, a sua reacção, eventuais reacções dos outros alunos e por último fazer a análise do conjunto de registos de forma a concluir quais são as situações mais frequentes que levam à perturbação, qual é o grau de eficácia das estratégias e qual é o grau de modificação dos comportamentos.

3 - Medidas correctivas: as medidas correctivas são as menos desejáveis de entre outras já apontadas. Pois elas indiciam que algo vai mal. Entretanto são muito utilizadas na prática quotidiana. Eis alguns exemplos:

- Ignorar comportamentos;
- Conversar com o aluno;
- Mudar o aluno do lugar;
- Confiscar objectos;
- Expulsar da sala com falta disciplinar e com participação ao director da turma.

Trata-se de um conjunto de estratégias que nem sempre corresponde às expectativas. Pelo contrário, verificámos no nosso estudo que muitos dos confrontos na sala de aula surgiram como resposta a medidas tomadas pelo professor em relação a comportamentos dos alunos. Esses por vezes são alunos cada vez mais difíceis e de comportamentos imprevisíveis.

Entretanto, para uma maior eficácia nas medidas disciplinares propomos algumas sugestões:

4- A repreensão eficaz: esta medida deve atingir ao aluno infractor devidamente identificado. Isso é possível quando o professor tem uma capacidade de atenção e vigilância ao que sucede a cada momento na aula. O professor deve ser claro, firme e decidido nas medidas a tomar, ter um tom de voz que sugira autoridade e que induza ao acordo e demonstre amizade e ausência de ressentimentos, para que o infractor possa censurar o seu comportamento. Deve-se evitar o comportamento fazendo parar, logo de início, o comportamento perturbador, retomar de imediato a aula e marcar uma conversa individual com o aluno infractor para o fim. Entretanto, a conversa deve realizar-se num clima de confiança e de respeito mútuo e num lugar privado. O professor deve demonstrar atenção e interesse pelo aluno, para que o aluno possa avaliar o seu próprio comportamento e comprometer-se a mudar. Deve-se evitar o sarcasmo e a ridicularização, pois, atitudes são sentidos pelo aluno como abuso de autoridade; evitar ameaças e intimidações visto que as atitudes hostis geram no aluno revoltas interiores o

que suscita no aluno o desejo de réplica, procurando desta forma restabelecer o seu prestígio face aos colegas.

5 - A punição: ao longo da pesquisa verificamos que esta medida redundou quase sempre na expulsão do aluno da sala de aula. Com isso a função dos professores resumia-se em:

- Função preventiva exemplar, em que o professor não deixa passar as infracções nem uma só vez para não perder a legitimidade de se impor as regras futuramente. Caso contrário estaria a abrir precedentes para outras situações idênticas.

- Função reorganizadora, em que castiga o infractor expulsando-o da sala. Neste caso, como forma de restabelecer o clima de trabalho na sala de aula e permitir a imediata continuação do trabalho;

- Função simbólica, onde o professor representa para o aluno um símbolo de autoridade que não pode ser contestado. Este não quer sentir desorientado nem ameaçado nas suas funções.

Ora, em qualquer destas funções está ausente um objectivo importante que é a função educativa. Verifica-se que quando se exige ao aluno o cumprimento do castigo no recreio ou é expulso da sala de aula retira-se-lhe a possibilidade de reflectir sobre o seu comportamento e de avaliar as suas consequências.

Para que não se chegue a tal situação urge adoptar medidas que revelam um certo grau de eficácia. Para tal será necessária uma intervenção urgente e um esforço coordenado de todos os intervenientes, directa ou indirectamente ligados ao processo educativo.

Estamos conscientes de que todas as perspectivas por nós referidas mereceram uma abordagem sintética.

A perspectiva sociológica bem como a perspectiva defectológica centralizam-se mais sobre o aluno. É necessário estabelecer uma ponte entre as três perspectivas (a Sociológica, a Defectológica e a Organizacional) como forma de melhor conhecer a etiologia decorrente da acção do aluno, da vivência social, da postura e atitude do professor.

Só se encontra a chave do problema quando se tem sempre presentes as três perspectivas sem ignorar a conjuntura social actual. (Amado, 1991, pp. 47-50)

Como forma de combater a indisciplina Kounin propõe:

- Programação das aulas com actividades variadas que exige do aluno: atenção, compreensão, criatividade e memória;

- Realização de várias actividades em grupo com vista a proporcionar aos alunos a socialização e a troca de experiências;

- O professor deve preparar as aulas simultaneamente no seu aspecto pedagógico e experimental;

- Privilegiar o ensino individualizado a fim de atender às particularidades específicas de cada aluno

- Que o professor seja técnica e pedagogicamente bem formado.

Por sua vez, o grupo de estudiosos Brophy evertson, Good e Emer propõe as principais formas de prevenir e tratar os problemas:

- Estabelecer claramente as regras onde elas são necessárias;

- Permitir que os alunos assumam as suas responsabilidades

- Minimizar desvios;

- Planear actividades;

- Encorajar o esforço;

- Reforçar os comportamentos adequados;

Formas de lidar com os problemas de indisciplina:

- Ignorar os problemas momentâneos;

- Evitar qualquer situação que, pela sua repetição ou intensidade possa terminar em indisciplina;

- Punir só em certas situações, e em combinação com outras técnicas.

Com o intuito de mostrar a importância da questão Emer chamou a atenção para «uma relação importante e constante entre a gestão do espaço físico da aula e o comportamento do aluno. É necessário que as escolas tenham condições físicas de equipamentos, visibilidade, especialmente materiais didáticos e laboratoriais. Entretanto essas medidas preventivas devem ser adoptadas logo no início das aulas, momento em que os alunos são mais cooperantes» (Emmer, citado por Amado, 1991)

A nosso ver, tanto J.Kounin como Emmer estão de acordo que existe indisciplina nas escolas. Todavia, Kounin responsabiliza mais os professores pela indisciplina enquanto que Emmer co-responsabiliza a direcção da escola e os professores, realçando, no entanto, o papel da escola (falta de condições oferecidas pela escola).

3ª PARTE
CONTRIBUIÇÃO PESSOAL

VI CAPÍTULO – FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

1 – Objectivos do estudo

- Conhecer os comportamentos de indisciplina mais frequentes na escola secundária Cónego Jacinto.
- Conhecer as opiniões dos professores da escola secundária Cónego Jacinto sobre as causas e consequências da indisciplina
- Conhecer as principais estratégias de actuação do Liceu Cónego Jacinto no combate à indisciplina

Tais objectivos visam esclarecer como os professores da Escola Secundária Cónego Jacinto Peregrino da Costa percebem as causas, as consequências e as medidas de redução da indisciplina

2 - Hipóteses

- Existem diferenças nas opiniões dos professores sobre a indisciplina em função do tempo de serviço desses professores
- Existem diferenças significativas a respeito da indisciplina entre os professores e as professoras.
- Os professores apontam como causas principais da indisciplina factores extrínsecos à escola

3 - Metodologia

3.1 - Caracterização da amostra

A escola (SCJPC) possui um corpo docente de 98 professores, sendo 59 do sexo masculino e 39 do sexo feminino. Desses, 42 possuem o vínculo com o Ministério da Educação (nomeação definitiva) e os restantes são eventuais. De entre os eventuais 8 professores trabalham em regime de acumulação. Mais de 80% dos professores possuem formação pedagógica. Dos 98 professores que ali trabalham 40 possuem o grau de licenciatura e 41 possuem o bacharelato. Dos 16 professores sem formação pedagógica (17%) a maioria possui o nível superior mas não ligado à docência (engenheiros, técnicos de informática e outros) e uma minoria possui o 12º ano (cerca de 3%).

A fim de conseguir dados diversificados acerca da indisciplina dos alunos nessa escola, foram inquiridos 40 professores, sendo 17 licenciados, 17 bacharéis e 6 sem formação pedagógica. Dos 40 professores inquiridos três pertencem ao Conselho de Disciplina. A escola possui uma classe docente jovem visto que a idade dos professores está compreendida entre 22 e 40 anos. Estes residem maioritariamente nas zonas próximas da escola nomeadamente Achadinha (37.5%), Achada Stº António (17.5%), Terra Branca (12.5%) e Palmarejo (7.5%). Os restantes (25%) estão distribuídos pelos bairros mais distantes da escola. De realçar que os professores constituem a maioria da nossa amostra, correspondente a 62%. (26 professores e 14 professoras).

Quadro II

Distribuição dos professores por habilitações académicas

Habilitações académicas	Licenciatura	Bacharelato	Ano Zero	2ºAno do curso Complementar	12ºAno	Total
Nºde professores	17	17	1	2	3	40

Da análise do quadro conclui-se que a amostra de professores seleccionados apresenta um elevado índice de professores formados (85%), entre Bacharéis e Licenciados.

Quadro III

Distribuição dos professores consoante a formação psico-pedagógica

Formação psico-pedagógica	Nº de Professores	%
Sim	34	85%
Não	2	5%
Em formação	4	10%
Total	40	100%

O quadro evidencia o nível percentual de formação pedagógica dos professores da amostra. Uma maioria significativa possui formação pedagógica, (85%). De entre os outros 15% que não possuem formação, 10% encontram-se em formação para a docência no Instituto Superior de Educação (ISE) da Praia e na Universidade Jean Piaget de Cabo Verde

Quadro IV

Distribuição dos professores mediante o tempo de serviço na docência

Tempo de serviço na docência	Número de professores	%
<5 Anos	4	10%
5-15 Anos	25	62.5%
15-25 Anos	7	17.5%
>25 Anos	4	10%
Total	40	100%

No que diz respeito ao tempo de serviço dos professores da amostra constata-se pelos dados do quadro que a maioria dos professores tem menos de 15 anos de serviço na docência. Ainda pelo inquérito ficámos a saber que a maioria dos professores leccionaram apenas uma única disciplina (65%) e 35% leccionaram já duas ou mais disciplinas.

3.2 - Instrumento

Para conhecer as opiniões dos professores sobre a indisciplina na escola elaborou-se um questionário composto por catorze perguntas, sendo na sua maioria de tipo respostas fechadas. Das perguntas constituintes do nosso questionário, nove são fechadas e de escolha múltipla, como são os casos das perguntas numeradas 1,2,3,4,5,6,8,9,e11, nas quais os professores teriam que assinalar “os casos de indisciplinas mais frequentes na sua escola”, “o que pode originar a indisciplina”, “dos casos apontados quais são os considerados mais graves, o que é que os professores assim como a escola têm estado a fazer para resolver os casos de indisciplina”, se “as medidas tomadas tem sido eficazes, os ciclos em que se registam mais casos de indisciplina”. As restantes cinco perguntas, os nºs 7,10,12,13e14 são do tipo aberta onde os professores teriam que justificar as escolhas feitas nas questões de resposta fechada. Por último teriam que opinar sobre o papel dos professores, da escola, do aluno, dos pais e encarregados de educação e do Ministério da Educação na resolução dos problemas de indisciplina e ao mesmo tempo propôr as medidas que permitem minimizar esse problema nas escolas.

3.3 - Procedimento

Num primeiro momento realizámos entrevistas a dois Directores do liceu, a dois inspectores do Ministério da Educação e Valorização dos Recursos Humanos, a dois professores do Instituto Superior de Educação da Praia e a seis professores do Ensino

Secundário de diferentes escolas da Cidade da Praia e consultámos a legislação Cabo-verdiana sobre a organização, funcionamento dos estabelecimentos do ensino secundário em Cabo Verde e a bibliografia sobre esta temática a fim de recolher dados para a elaboração do questionário. Após essa fase elaboramos um questionário exploratório que foi distribuído pessoalmente pela inquiridora nos meses de Maio e Junho de 2004 a dois Directores de Liceu, dois Inspectores do MEVRH, dois professores do ISE da Praia e a seis professores do Ensino Secundário também da Cidade da Praia afim de se seleccionar os itens a inserir no questionário definitivo. Na última fase elaboramos o questionário definitivo que foi distribuído e recolhido nos meses de Outubro e Novembro do presente ano lectivo (2004/2005). O questionário é anónimo e constituído por catorze (14) perguntas para além das perguntas iniciais que permitem caracterizar os professores da amostra.

VII CAPÍTULO – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. As opiniões dos professores e das professoras sobre a indisciplina na ESCJPC

A indisciplina na escola é hoje um fenómeno bem visível e que não se pode negar. Porém para se perceber melhor esse fenómeno optámos por realizar um estudo junto dos professores em exercício de função nas suas respectivas escolas afim de se saber como é que estes percebem esse fenómeno? Saber se os professores e as professoras têm a mesma visão do problema? Se existem as mesmas percepções entre professores com mais tempo de serviço ou não? O que os professores, a direcção da escola, alunos pais e encarregados de educação assim como o Ministério da Educação têm estado a fazer para minimizar o problema de indisciplina nas escolas? Que sugestões deixariam para minimizar o problema? Estas, entre outras questões, tentaremos responder durante o trabalho.

Quadro V

Casos de indisciplina mais frequentes na escola

Casos de indisciplina mais frequentes	Professoras		Professores	
	F	%	F	%
Brigas entre os alunos	7	25.9%	10	23.3%
Furtos	3	11.1%	4	9.3%
Conversas paralelas durante as aulas	8	29.6%	10	23.3%
Assiduidade irregular	4	14.9%	1	2.3%
Agressões verbais ao professor	2	7.4%	3	7.0%
Falta de pontualidade	2	7.4%	7	16.2%
Danificação do património e materiais escolares	1	3.7%	3	7.0%
Recusa de cumprimento das tarefas escolares	0	0%	5	11.6%

As professoras apontaram as conversas paralelas durante as aulas, as brigas entre os alunos e a assiduidade irregular como casos de indisciplina mais frequentes na ESCJPC, enquanto que os professores apontaram como casos de indisciplina mais frequentes as brigas,

as conversas paralelas e a falta de pontualidade. Verifica-se que a diferença mais assinalável nas respostas das professoras e dos professores reside nos comportamentos da assiduidade irregular e da recusa do cumprimento das tarefas escolares.

Quadro VI

Casos de indisciplina mais graves na escola

Casos de indisciplina mais graves	Professores		Professoras	
	F	%	F	%
Recusa de cumprimento das tarefas escolares	0	0%	2	8.7%
Brigas entre os alunos	3	23.1%	5	21.8%
Conversas paralelas durante as aulas	3	23.1%	2	8.7%
Agressões verbais aos professores	4	30.7%	4	17.4%
Danificação do património e materiais escolares	0	0%	3	13%
Furtos	1	7.7%	3	13%
Falta de pontualidade	1	7.7%	1	4.4%
Todas as situações são graves	0	0%	3	13%
Assiduidade irregular	1	7.7%	0	0%

É bem visível a diferença de opinião entre os professores e as professoras acerca dos casos de indisciplina que acontecem na escola. Enquanto as professoras consideram as agressões verbais aos professores (30.7%), as brigas entre os colegas e as conversas paralelas (ambas com 23.1%) como sendo os casos de indisciplina mais graves, já os professores consideram as brigas entre os colegas (21.8%), as agressões verbais ao professor (17.4%), a danificação do património e dos materiais escolares, os furtos, como situações mais graves.

De referir ainda que as professoras e os professores tiveram opiniões opostas em outros aspectos:

- Nenhuma das professoras apontou a danificação do património escolar e a recusa do cumprimento das tarefas escolares como sendo graves;

- Uma boa percentagem dos professores considera a danificação do património e dos materiais escolares (13%) e a recusa do cumprimento das tarefas escolares (8.7) como sendo situações de indisciplina graves. Estes justificaram que estes casos representam uma falta de consciência e respeito pelo património comum e um autêntico desrespeito pelos professores quando os alunos não cumprem as tarefas que lhes são incumbidas.

As razões apresentadas pelos professores vão ao encontro das opiniões duma professora de Formação Pessoal e Social para a qual é urgente a reeducação das famílias para os valores morais: respeito ao próximo, humildade, honestidade, verdade, etc. a fim de que a

educação obtida na escola venha complementar a educação iniciada pelos pais em casa. Diz ainda ter reparado que os alunos vêm vazios de casa em matéria de educação moral e cívica e, que quando confrontados com outras situações consideradas pouco correctas dificultam sobremaneira a tarefa dos professores e da escola.

Quadro VII

Origem da indisciplina na escola

Causas de indisciplina na escola	Professores		Professoras	
	F	%	F	%
Falta de autoridade da Direcção da escola	0	0%	0	0%
Deficiente organização e funcionamento da escola	0	0%	0	0%
Ausência de uma uniformização de critérios de funcionamento do Conselho de Disciplina	0	0%	1	3.5%
Turmas numerosas	9	20.5%	7	25%
Postura do professor	2	4.5%	3	10.7%
Desmotivação, falta de interesse dos alunos	11	25.1%	3	10.8%
Problemas afectivos	1	2.3%	0	0%
Problemas sócio-económicos e familiares dos alunos	9	20.5%	6	21.5%
Insuficiente acompanhamento familiar	8	18.1%	7	25%
Influências negativas da comunicação social	2	4.5%	1	3.5%
Falta de actividades de prevenção promovidas pela escola	2	4.5%	0	0%

Os dados demonstram que turmas numerosas, a desmotivação, a falta de interesse dos alunos, os problemas sócio-económicos e familiares dos alunos e o insuficiente acompanhamento familiar são os principais causadores da indisciplina na escola.

A visão dos professores coincide com a opinião de Mayor (1985), Bandura (1961-1963 citado por AMADO, João, 1996) para os quais a indisciplina tem a sua origem na sociedade a começar pela família. Segundo estes autores os alunos oriundos das famílias pertencentes à classe sócio-económica mais desfavorecida e os que sofrem discriminação e exclusão social apresentam mais comportamentos delinquentes, agressivos e violentos, e, consequentemente, são mais indisciplinados.

Os professores e as professoras divergiram em alguns casos: a falta de actividades de prevenção promovida pela escola e os problemas afectivos, apontados por cerca de 3 a 4 por cento dos professores e que não mereceu nenhuma referência por nenhuma das professoras (0%). Por outro lado 3.5% das professoras apontaram a ausência de uma uniformização dos critérios de decisão por parte do Conselho de Disciplina como causa da indisciplina na escola aspecto esse que não foi referenciado por nenhum dos professores.

Um outro aspecto importante é a postura que é valorizada por 10.7% das professoras e que não é atribuído o mesmo valor pelos professores (4.5%)

De realçar que, quer os professores quer as professoras, nunca se referem à falta de autoridade da direcção da escola, à deficiente organização da escola como causas da indisciplina na escola. Os casos mais apontados são casos extrínsecos à escola e ao seu funcionamento (cerca de 70%). É como se a indisciplina fosse apenas resultante das características dos alunos e das suas famílias. Isso demonstra que enquanto os professores e a direcção da escola não se consciencializarem das suas responsabilidades face à situação de indisciplina na escola muito dificilmente poderão intervir no sentido de fazer face, com sucesso, à situação de indisciplina nas escolas.

2 - A percepção dos professores sobre a indisciplina na ESCJPC em função do tempo de serviço

Quadro VIII

Casos de indisciplina em função do tempo de serviço

Casos de indisciplina mais frequentes na escola	Tempo de serviço							
	<5 Anos		5-15anos		15-25anos		>25anos	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Brigas entre os alunos	3	33.3%	19	30.7%	11	28.2%	7	17.5%
Furtos	2	22.3%	8	13%	4	10.2%	6	15%
Conversas paralelas	3	33.3%	14	22.5%	11	28.2%	8	20%
Assiduidade irregular	0	0%	1	1.6%	2	5.2%	3	7.5%
Agressões verbais	0	0%	7	11.2%	3	7.7%	3	7.5%
Falta de pontualidade	1	11.1%	5	8%	2	5.2%	5	12.5%
Danificação do património	0	0%	8	13%	5	12.8%	5	12.5%
Recusa de cumprimento das tarefas	0	0%	0	0%	1	2.5%	3	7.5%

Uma análise atenta do quadro demonstra que os professores apontam as brigas entre os alunos, as conversas paralelas durante as aulas, os furtos e danificação do património escolar como sendo os casos de indisciplina mais frequentes.

É de notar entretanto a algumas diferenças de opinião acerca da indisciplina entre esses mesmos professores. Senão vejamos:

- Os professores com menos de 5 anos de serviço consideram as brigas entre os alunos (33.3%), as conversas paralelas (33.3%) e os furtos (22.3%) como sendo os casos mais frequentes.

- Os professores que possuem entre 5 a 15 anos de serviço consideram as brigas entre os alunos (30.7%), as conversas paralelas durante as aulas (22.5%), os furtos assim como a danificação do património escolar (ambos com 13%) como sendo os casos mais frequentes.

- Os professores com o tempo de serviço compreendido entre os 15 e os 25 anos consideram as brigas entre os alunos, as conversas paralelas durante as aulas (ambas com 28.2%) e a danificação do património escolar (12.8%) como os casos mais frequentes.

- Os professores com o tempo de serviço superior a 25 anos apontaram as conversas paralelas durante as aulas (20%), brigas entre os colegas (17.5%) e os furtos (15%) como os casos de indisciplina mais frequentes.

Um aspecto digno de realce é que, enquanto que os professores com mais tempo de serviço consideram a danificação do património escolar (12.5%), as agressões verbais (7.5%), assiduidade irregular (7.5%) e a recusa do cumprimento das tarefas escolares (7.5%), também como casos de indisciplina nas escolas, já os professores com menos tempo de serviço (<5anos) não comungam dessa opinião.

No concernente a este aspecto os resultados vieram confirmar em parte uma das hipóteses inicialmente levantadas no nosso trabalho.

Quadro IX

Casos mais graves em função do tempo de serviço

Casos de indisciplina mais graves	Tempo de serviço							
	<5 Anos		5-15anos		15-25anos		>25anos	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Brigas entre os alunos	5	38.4%	15	23%	9	23%	6	18%
Agressões físicas aos professores.	0	0%	2	3%	1	2.6%	2	6%
Conversas paralelas	2	15.4%	14	21.5%	7	17.9%	9	27%
Assiduidade irregular	1	7.7%	3	4.6%	2	5.2%	1	3%
Agressões verbais	1	7.7%	5	7.7%	6	15.3%	4	12%
Falta de pontualidade	1	7.7%	5	7.7%	3	7.7%	2	6%
Danificação do património	2	15.4%	11	16.9%	8	20.5%	5	15%
Recusa de cumprimento das tarefas	1	7.7%	1	1.5%	1	2.6%	3	9%
Desmotivação, falta de interesse dos alunos	0	0%	4	6.1%	2	5.2%	1	3%

Os professores são unânimes em atribuírem mais gravidade às brigas entre os alunos, às conversas paralelas durante as aulas, à danificação do património e às agressões verbais ao professor.

No entanto um aspecto importante a considerar é a grande diferença de opinião que existe entre os professores com mais de 25 anos de serviço. Estes consideram as conversas

paralelas durante as aulas (27%) os casos mais graves enquanto que os professores com menos tempo de serviço (<25anos) consideram as brigas entre os colegas como sendo os casos mais graves. Tais opiniões dos professores vêm mais uma vez confirmar as nossas hipóteses iniciais.

Quadro X

Origem da indisciplina em função do tempo de serviço

Causas da indisciplina	Tempo de serviço							
	<5 Anos		5-15anos		15-25anos		>25anos	
	F	%	F	%	F	%	F	%
Desmotivação, falta de interesse dos alunos	3	25%	13	18.9%	10	20%	9	21%
Problemas sócio-económicos e familiares dos alunos	2	16.7%	13	18.9%	9	18%	9	21%
Falta de actividades de prevenção promovidos pela escola	0	0%	2	2.9%	2	4%	1	2.3%
Insuficiente acompanhamento familiar	2	16.7%	10	14.5%	10	20%	10	23.8%
Influência negativa da comunicação social	1	8.3%	6	8.7%	3	6%	2	4.8%
Postura do professor	0	0%	3	4.4%	2	4%	1	2.3%
Turma numerosa	3	25%	14	20.3%	11	22%	10	23.8%
Problemas afectivos	0	0%	2	2.9%	1	2%	0	0%
Ausência de uniformização dos critérios de funcionamento do Conselho de Disciplina	1	8.3%	1	1.5%	2	4%	0	0%

Pelo quadro anterior constatamos que os professores são igualmente unânimes em afirmar que a principal causa da indisciplina é a turma numerosa. No entanto outros aspectos como a desmotivação dos alunos e o insuficiente acompanhamento familiar foram apontados.

No entanto houve grande diferença de opinião entre os professores com menos de 5 anos de serviço e os restantes, no que tange à ausência de uniformização dos critérios de decisão do Conselho de Disciplina em matéria de penalizações disciplinares

Ficou claro que para todos professores, independentemente do tempo de serviço, os factores extrínsecos à escola e ao professor constituem as principais causas da indisciplina na escola. Quando assim é torna-se cada vez mais difícil combater a indisciplina nas escolas, já que os professores e as escolas não assumem as suas responsabilidades perante tais situações. Hoje sabemos que só se consegue combater a indisciplina com o esforço conjunto de todos os intervenientes no processo educativo. (escolas, professores, alunos, pais e encarregados de educação e toda a sociedade civil em geral). Quer isso dizer que um grande trabalho terá que ser feito no seio dos professores no sentido de se perceberem melhor as suas actuações enquanto actores do processo educativo.

3 – As opiniões dos professores da ESCJPC sobre as medidas adoptadas na resolução dos problemas da indisciplina na escola

Quadro XI

Medidas adoptadas pela escola na resolução de indisciplina

Medidas adoptadas	F	%
Leva os alunos ao Conselho de Disciplina	19	24.6%
Fala com os pais e encarregados de educação dos alunos	24	31.1%
Aconselha os alunos	17	22%
Promove actividades extra-curriculares com a participação dos alunos	8	10.4%
Aplica punições aos alunos (suspensão)	5	6.6%
Reforça o controle dos alunos nas horas vagas	0	0%
Expulsa o aluno da escola	0	0%
Procura alternativas para a ocupação dos tempos livres dos alunos	4	5.3%

Os dados do quadro mostram que falar com os pais e encarregados de educação dos alunos, levar os alunos ao Conselho de Disciplina e aconselhar os alunos são as estratégias habitualmente utilizadas pela escola na resolução dos problemas de indisciplina. Vê-se ainda que a escola não tem optado pelo uso de reforço no controle dos alunos nos seus tempos livres nem pela expulsão dos alunos da escola.

Quadro XII

Medidas adoptadas pelos professores na resolução da indisciplina na sua sala de aula

Medidas adoptadas	F	%
Conversa com os alunos e ouve as suas preocupações	20	25.6%
Dá conselhos aos alunos	19	24.3%
Leva os alunos ao Conselho de Disciplina	3	3.9%
Expulsa os alunos da sala de aula	3	3.9%
Conta anedotas aos alunos passando-lhes mensagens educativas	2	2.5%
Apresenta o caso ao Director de Turma	16	20.5%
Contacta a família dos alunos	15	19.3%

Os professores consideram que conversar com os alunos e ouvir as suas preocupações, aconselhar o aluno, apresentar o caso ao director de turma e contactar as famílias são as medidas mais usadas por eles para fazer face ao problema da indisciplina na sua sala de aula.

Quadro XIII

Grau de eficácia na tomada de medidas

Grau de eficácia	F	%
Sim	21	52.5%
Não	3	7.5%
Não prestaram declaração	16	40%

Ficou provado que as medidas tomadas na resolução de problemas de indisciplina nas salas de aulas foram eficazes. Isso porque segundo os professores depois de serem tomadas essas medidas notou-se uma mudança considerável nos comportamentos.

Os professores que não prestaram declarações justificaram a sua posição com o facto de não se terem apercebido das implicações positivas ou negativas das medidas adoptadas, posto que a indisciplina mantém-se.

A maioria dos inquiridos está de acordo que outras medidas poderiam ser adoptadas, tanto pela escola como pelos professores para resolver situações de indisciplina:

- A escola junto do Ministério da Educação poderia conseguir formas alternativas como seja, exigir o cumprimento dos deveres a serem cumpridos pelos alunos da mesma forma que reconhece os seus direitos;
- A reeducação dos pais para os bons hábitos e valores sociais;
- Educar os filhos em casa e não atribuir toda a responsabilidade à escola;
- Ser mais rigoroso na educação dos filhos;
- Introduzir as inovações que se impõem no sistema educativo, como introdução de disciplinas que vão de encontro às apetências dos alunos;
- Incluir no horário escolar um tempo disponível para promover encontro com os alunos;
- Mais propagandas televisivas que incentivem a boa conduta cívica e moral nos alunos;
- Promover mais encontros entre o Ministério da Educação, professores, pais e alunos;
- Inteirar dos problemas familiares dos alunos e apoiá-los;
- Assistência psicológica aos alunos mais difíceis;
- Atribuir aos alunos considerados difíceis tarefas que beneficiem a escola, como por exemplo: limpeza, arrumação, entre outras;
- Criar incentivos para premiar os alunos mais aplicados;
- Criar espaços alternativos apropriados para a ocupação dos tempos livre dos alunos;

- Envolver e responsabilizar os pais nas decisões disciplinares tomadas nas escolas;
- Procurar formas de aproximar a escola da comunidade e vice-versa;

A indisciplina acontece em todos os ciclos, mas é mais frequente nos dois primeiros (80%) (ver quadro XIV em anexo). Segundo os professores isso é devido a vários factores nomeadamente, comportamento infantil dos alunos do 7º ano; as dificuldades de integração dos alunos do 7º ano nos primeiros meses; a vontade de auto-afirmação dos alunos na fase de adolescência. No terceiro ciclo os comportamentos de indisciplina resultam do desinteresse dos alunos em relação a determinadas disciplinas. Por conseguinte, os dados do inquérito fornecidos pelos professores permitem concluir que a indisciplina se manifesta consoante os ciclos (ver quadro XV em anexo).

Os dados confirmam ainda uma maior ocorrência de indisciplina nas sextas e sábados (67,5%), respectivamente no 4º e 5º tempos (77,5%), pois, nestes momentos os alunos já se mostram exaustos devido a sobrecarga do horário semanal. (ver os quadros XVI e XVII em anexo)

No que diz respeito à concepção que cada um dos professores entrevistados tem sobre o que é a indisciplina, as opiniões divergem, mas, em última análise, a conclusão é de que a manifestação de comportamentos considerados fora do comum violam as regras da boa conduta, práticas e convivências devido à perturbação que causam, tanto aos seres humanos como ao património comum.

Perante todos os cenários de indisciplina os professores consideram que a escola tem tomado medidas que se impõem criando melhores condições de trabalho em matéria de saúde e segurança dos alunos, medidas essas que incluem o estreitamento de relações entre a família e a escola, através de realização de várias actividades extra-curriculares e procura de parceiros que envolvem os próprios pais e encarregados de educação.

Por sua vez os professores dizem ter apostado muito no diálogo e acompanhamento dos alunos na turma, e, quando a situação assim o justificar remetem os casos para a apreciação do Conselho de Disciplina. Por outro lado estão de acordo que os alunos têm se revelado manifestamente desinteressados em colaborar no cumprimento dos seus deveres e das normas escolares. Quanto aos pais e encarregados de educação os professores reconhecem algum interesse por parte daqueles em relação ao combate à indisciplina, não obstante a maioria não ter manifestado interesse necessário e exigível em relativamente à situação escolar dos filhos. Prova disso é que muitos deles só se apresentam na escola em situações extremas de conflitos. No que concerne ao Ministério de Educação os professores reconhecem

igualmente o seu esforço em responder prontamente às exigências da escola em relação à indisciplina e à necessidade de um ensino de qualidade.

CONCLUSÃO

No término deste percurso, esse tema suscita em nós pelo menos dois sentimentos: por um lado um fascínio crescente em desvendar os segredos da indisciplina na escola e por outro um sentimento de insatisfação face às muitas incertezas resultantes da complexidade do problema, no momento em que o aumento crescente de indisciplina nas escolas é um fenómeno inegável e que preocupa a todos. Naturalmente a instituição ou o espaço escolar e os professores, que são aqueles que lidam mais de perto com os alunos, são as principais vítimas desse fenómeno. Como consequência além do insucesso escolar de que a indisciplina é a causa mais directa não raras vezes os professores em particular e de uma maneira geral todos os agentes envolvidos no processo educativo se confrontam com sentimentos de fracasso na sua profissão quando diariamente vêem os objectivos almejados como algo inatingível devido às práticas indisciplinares dos alunos.

Entretanto apesar de estarmos conscientes de que não existe uma resposta única, à guisa de receita para a solução do problema de indisciplina, isso não quer dizer que se deva cruzar os braços e deixar que as coisas aconteçam. Pelo contrário, as investigações sugerem estratégias fundamentadas na formação e capacitação dos professores, a presença e participação dos pais e encarregados de educação nas actividades escolares e uma intervenção reforçada e conjugada de todos na tentativa de debelar esse mal. Verifica-se entretanto que por detrás dos actos de indisciplina está o maior ou o menor grau de liberdade, os conflitos de valores, os problemas de foro psicológico, e não raras vezes os problemas familiares, o que vem evidenciar a verdadeira dimensão do problema. Daniel Goleman, psicólogo em Harvard, autor de grande prestígio nos Estados Unidos coloca a sua enorme experiência de psicólogo ao serviço de um equilíbrio entre aquilo que ele designa de mente racional e mente emocional, a propósito da violência infantil, afirma: «se existe um remédio, sinto que deve estar no modo

como preparamos os jovens para a vida. Actualmente, deixamos a educação emocional das crianças ao acaso, com resultados cada vez mais desastrosos. Uma solução possível é uma nova visão daquilo que as escolas podem fazer para educar o estudante no seu todo, juntando a mente e o coração na sala de aula (Goleman: 1995, p. 22). A questão que se coloca é saber em que medida o professor, enquanto profissional pode actuar de forma útil nesse domínio.

Ao professor compete colaborar na definição dos objectivos fundamentais da sua escola, zelar pela existência de um clima consentâneo com tais objectivos, colaborar com a direcção da escola e tomar parte na procura de um consenso normativo. Ao professor compete ainda adquirir cada vez mais consciência de si e das responsabilidades que lhes são cometidas enquanto educador, nas suas vivências e acções quotidianas tanto dentro como fora da sala de aula, não fosse as suas atitudes e práticas legitimadoras de boas ou más condutas dos seus alunos e não só. Pensamos ser ainda necessário que nas escolas se reúnam em equipas de investigação pedagógica e de reflexão tendo por tema as condições, vivências e problemas que afligem o seu local de trabalho, isso com a colaboração dos órgãos centrais do Ministério da Educação, dos especialistas em estudos das questões sociais, dos pais e da sociedade civil. Cremos ser este o caminho para uma verdadeira mudança de comportamentos e atitudes e um efectivo desenvolvimento da educação.

Na verdade não é nossa pretensão apresentar receitas como se de detentores exclusivos da verdade se tratasse, antes objecto de adequação, investigação e tratamento nas salas de aula e nas escolas. Por conseguinte trata-se de propostas e hipóteses que devem ser confirmadas e analisadas caso a caso e por cada um nas escolas, na família, e na sociedade, tomando em devida conta a realidade concreta de cada um. Nesse sentido constatamos que as nossas hipóteses inicialmente levantadas, as duas primeiras, foram em parte confirmadas pelos professores quando consideram que a indisciplina nas escolas resulta de factores extrínsecos à escola e atribuem em boa medida as responsabilidades aos alunos, às famílias, à sociedade e ao sistema educativo.

Porém, e já o dissemos ao longo do trabalho, a possibilidade de promover comportamento desejáveis na sala de aula não depende só do professor e dos alunos mas sim da interacção entre ambos, da sociedade onde a escola se insere, da comunicação social, do Ministério da Educação e de outras instituições que prestam serviços de cariz social e principalmente da família.

Nesse sentido propomos algumas medidas que possam contribuir para prevenir algumas situações e minimizar o problema de indisciplina nas escolas:

- Que os pais/família não deixem os filhos entregues a si mesmos mas antes que sejam democráticos na sua relação com os filhos, portadores de convicções firmes, valores e sobretudo exemplos para os seus filhos e que sejam capazes de desenvolver parcerias com professores, escolas, sociedade e todas as entidades do país na luta para uma educação de qualidade.

- Que as escolas sejam sempre uma instituição formadora de valores como: a lealdade, convicções, firmeza, coragem, patriotismo, competências, habilidades, afectuosidade, etc. “(...) a escola deve ser activa de forma a mobilizar a actividade da criança. Deve ser antes de mais um laboratório de amor ao trabalho.” (CLAPAREDE, citado por CHATEAU: 1956)

- Que os professores sejam responsáveis, amigos e que tenham amor à profissão e que através do testemunho eduquem para a justiça, para o amor ao dever e à abnegação nas mais pequenas coisas.

- Que as preocupações dos professores, da escola, dos pais e encarregados de educação e da sociedade civil mereçam por parte dos responsáveis da educação uma melhor atenção.

- Que o Ministério da Educação promova encontros frequentes entre as direcções das escolas, professores, pais, encarregados de educação e alunos nos quais serão abordadas questões educativas como forma de melhorar a qualidade do ensino, os desafios da educação processual e sua importância na construção do conhecimento e da cidadania. No mesmo sentido promover debates sobre a violência e a indisciplina nas instituições educativas, observa-las, estuda-las e traçar medidas estruturantes para o seu combate, para que os alunos considerados indisciplinados tenham permanência nas escolas, mas com interesse pela conservação do património público e por uma educação moral e social que a sociedade almeja. Que seja mais firme nas decisões e nas medidas disciplinares no sentido de responsabilizar os infractores que desvirtuam a educação dos seus reais propósitos; que reveja os curricula no sentido de introduzir conteúdos mais significativos e motivadores para os alunos, mas também que reveja os dias de leccionação nomeadamente os sábados em que os alunos e os professores não estão motivados para realizarem as tarefas educativas a que estão obrigados. A propósito dos curricula constatamos que há disciplinas em determinadas áreas curriculares que não têm nada a ver com as opções futuras do aluno e isso tem constituído fonte de desinteresse e indisciplina no seio dos alunos.

Gostaríamos ainda de chamar à atenção dos colegas professores para a auto-consciencialização e auto-responsabilização perante os casos de indisciplina na escola e na sala de aula em vez de se estar a transferir as responsabilidades aos outros.

Por conseguinte, o combate à indisciplina na escola e a eficiência do ensino-aprendizagem dependem da qualidade dos programas, do significado das disciplinas para os alunos, da motivação dos alunos, das condições da escola, da sociedade, dos pais e encarregados da educação e dos professores.

Em suma, não obstante algumas dificuldades e limitações encontradas durante a realização deste trabalho, nomeadamente em encontrar pessoas dispostas a serem entrevistadas para a recolha de dados e não menos dificuldade no tratamento dos dados estatísticos esperamos com este contribuir para despertar consciências e interesses para mais investigações sobre a problemática da indisciplina nas escolas.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Augusto Borges; INOCÊNCIO, Maria Luísa Soares, (2003). Módulo; *Psicologia da Educação*; Material de Apoio; Curso de Formação de Professores. Praia.

AMADO, João. (1992) *A indisciplina na escola*: In O Professor. Janeiro, nº 13 /3ª Série.

AMADO, João. (1991). *A indisciplina na Escola*: Janeiro, nº13 / 3ª série.

ARENDS, Richard I. (1995). *Aprender a Ensinar*: Lisboa, Editora MC GRAW - Hill de Portugal L.^{da}

BERRY, Júlia, C. et al. (2001). *A Psicologia do Desenvolvimento Humano*: Lisboa

CAMPOS, Bartolo Paiva (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação dos Jovens*: Lisboa, Universidade Aberta.

CHATEAU Jean. (1956). *Os Grandes Pedagogos*: Lisboa, Ed. LIVROS DO BRASIL.

CORTESÃO, L., BENAVENTE, A. et al (1994). *Debate Sobre a Indisciplina na Escola*: in Educação, Sociedade, Culturas; Revista de Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, 2, 141-170

DELORS, Jacques, et al. (2003). *Educação, Um Tesouro a Descobrir*: Paris, Janeiro 8ª Ed.

DOMINGOS ALMEIDA, Ana Maria. (2003). *Os professores e a participação das famílias na escola*: Coimbra, Trabalho de Dissertação de Mestrado em Psicologia.

FLEMING, Manuela (1993). *Adolescência e Autonomia*: O desenvolvimento Psicológico e a relação com os pais. Porto, Edições Afrontamento.

GOLEMAN, Daniel (1995). *Inteligência Emocional*: Lisboa, Editora Temas e Debates Lda. 9ª Edição

LESSARD-HÉBERT, Michelle (1996). *Pesquisa em Educação*: Lisboa. Ed. Caminho.

LOPES, José (2001). *Problemas do Comportamento, Problemas de Aprendizagem e Problemas de Ensino*: Coimbra, Quarteto.

PERRET - CLERMONT, A. (1995). *Desenvolvimento da Inteligência e Interação Social*: 2ª Ed. Lisboa. Ed. MC GRAW, L.^{da}.

- OLIVEIRA, De Barros J. H. (1996). *Psicologia da Educação Escolar*: Coimbra, Livraria Almedina.
- OLIVEIRA, Lima Louro (1987). *Pedagogia-Redação ou Transformação*: S. Paulo, Ed Brasilence.
- PEREIRA, Isabel. (1982). *Histórie de la Educación, y de Las Doctrinas Pedagógicas*: França.
- ROSSANO, Joan; SCHILLER Pan (1990). *Guia Curricular*: Lisboa, Porto Editora.
- SAMPAIO, Daniel. (1996). *Voltei à Escola*: Lisboa, 5ª Edição, Editorial Caminho.
- Lei de bases do Sistema Educativo*. (1990). De 29 de Dezembro, nº 52, p. 23
- VARELA, Júlia. ALVAREZ, Fernando. (1982). *Colecção Genealógica do Poder*: Madrid, Edições de La Piqueta.
- SCHAFFER, H. Rudolph. (1996) *Desenvolvimento Social da Criança*: Lisboa, Instituto Piaget.
- SHERWOOD, Elisabeth, A. et al. (1997). *Mais Ciência para a Criança*: Lisboa, Instituto Piaget.
- STOER, S. (1994). *O Debate Sobre a Indisciplina na Escola*: Revista Educação Sociedade e Cultura, nº1,
- TAVARES, José & ALARCÃO Isabel. (1989). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*: Coimbra, Livraria Almedina.
- WALL, W. D. (1990). *Adolescência na Escola e na Sociedade*: Lisboa, Livraria Horizonte.
- VAYER, Pierre (2003). *O Jardim-Escola*: Lisboa, 2ª Ed. ASA; (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Editora Portugal
- VAYER, Pierre; TRUDELLA Denis (1999). *Como Aprende a Criança*: Lisboa, Ed. Portugal
- VIGOTSKY, Luria, Leontiev et al. (1991). *Psicologia e Pedagogia: II Investigações Experimentais Sobre Problemas Didácticas Específicas*. Lisboa, 2ª Ed., Editorial Estampa.

Anexos

Quadro XIV
Casos de indisciplina em função dos ciclos

Ciclos	Frequências	%
1º Ciclo	18	45%
2ºCiclo	14	35%
3º Ciclo	8	20%
Total	40	100%

Quadro XV
Opinião dos professores acerca da indisciplina em função dos ciclos

Opinião	Frequências	%
Sim	39	97.5%
Não	1	2.5%
Total	40	100%

Quadro XVI
Dias de maior ocorrência de indisciplina

Dias	Frequência	%
2ª feira	3	7.5%
3ª feira	0	0%
4ª feira	0	0%
5ª feira	4	10%
6ª feira	10	25%
Sábado	17	42.5%
Todos os dias	6	15%
Total	40	100%

Quadro XVII
Momentos de maior ocorrência de indisciplina

Tempo	Frequência	%
1º	0	0%
2º	0	0%
3º	2	5%
4º	10	25%
5º	21	52.5%
Todos os tempos	7	17.5%
Total	40	100%

